

# Correio das Artes

Suplemento  
literário do  
Jornal A União

Junho - 2020  
Ano LXXI - Nº 4  
R\$ 6,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00

## ROLIÇUDE NOROCCINA

## Um homem de cinema

Wills Leal deixou um legado único para a história  
e a memória da sétima arte

# ETERNAMENTE SIVUCA

**2020: Ano  
Cultural  
Sivuca, na  
Paraíba**



## A memória do cinema paraibano

Wills Leal era um apaixonado por cinema, mas desses amantes que se sentia correspondido e sabia que precisava corresponder. Sua paixão não se limitava a sentar-se numa poltrona de cinema e, passivamente, assistir a romances, comédias, filmes de ação ou de terror. Como a personagem de *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen, ele queria mais, ele queria entrar na tela.

Ao seu modo, ele fez isso: entrou na tela do cinema paraibano. Transitou por sua história, promoveu-o e estimulou-o, criando uma cadeia entre passado, presente e futuro. A Paraíba era o *Cinema Paradiso* dele, um templo de afetividade, conhecimento e magia. Na condição do inquieto Totó, topou com vários Alfredos, que deram asas a sua imaginação.

Dotado de uma proatividade que fazia suas ideias ganharem vida, fosse o lançamento de um livro – um

**A PB era o Cinema Paradiso de Wills, um templo de afetividade, conhecimento e magia. Na condição do inquieto Totó, topou com vários Alfredos, que deram asas a sua imaginação.**

não, vários, e nas mais diversas áreas (arte, turismo, gastronomia etc.) – fundamental para a memória da Paraíba, fosse em ideias megalomaniacas, vistas por uns como esdrúxulas, por outros, geniais, como a polêmica “Roliúde Nordestina”, Wills fazia

valer sua vontade quixotesca de fazer acontecer.

Wills morreu nas primeiras horas do dia 7 de maio, uma quinta-feira, após sofrer uma parada cardiorrespiratória. Ele tinha 83 anos e, embora mal enxergasse, ou pouco escutasse, seguia com sua mente ativa, borbulhante de ideias e iniciativas.

Nascido em Alagoa Nova, no Brejo paraibano, Wills foi um dos mais destacados nomes da arte, cultura, turismo e intelectualidade do Estado. Nesta edição, os críticos de cinema Renato Félix e João Batista de Brito, imortais da Academia Paraibana de Cinema fundada por ele, Wills, fazem um retrato deste apaixonado pela sétima arte.

O poeta, professor e estudioso Hildeberto Barbosa também dedica a coluna desta edição à Wills, analisando seu prolífico legado escrito.

O editor  
editor.correiodasartes@gmail.com

## índice



### MEMÓRIAS

O que une as infâncias de Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo é a dificuldade no aprendizado da leitura, fato registrado em livros de ambos.



### HOMENAGEM

Ensaio revela como Ariano Suassuna celebra Elizabeth Marinheiro no livro 'Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores'



### SENHOR DOS MUSEUS

Escritor, ator, pesquisador e museólogo, Balduino Lélis completa 90 anos em agosto recolhido ao território livre de Taperoá.



### ANÁLISE

Anelito de Oliveira dissecou 'Poemail': "Para Amador Ribeiro Neto, a poesia não é uma questão de verso, mas uma questão de fazer."



OUVIDORIA:  
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA  
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo  
DIAGRAMAÇÃO  
Domingos Sávio  
ARTE DA CAPA

# Wills Leal

**Renato Félix**Especial para o *Correio das Artes*

**E**m uma das reuniões antes do lançamento da Academia Paraibana de Cinema, empilhavam-se os problemas financeiros de sempre, que ameaçavam a realização do evento. Na mesa que coordenava a reunião, José Bezerra Filho, que viria ser o vice-presidente da entidade fundada em 2008, tentou ser cauteloso: “Bom, então talvez seja melhor adiar”.

Ao seu lado, Wills Leal (1936-2020) que viria a ser o presidente, deu um salto sentado, como aqueles de desenho animado: “ADIAR??? NÃO! ADIAR JAMAIS!!!”

Esse era Wills Leal: quando mirava um objetivo, quem poderia pará-lo? O ímpeto de Wills (pronuncia-se “Willis”) foi determinante tanto para sua trajetória de agitador cultural, quanto para a de historiador do cinema paraibano.

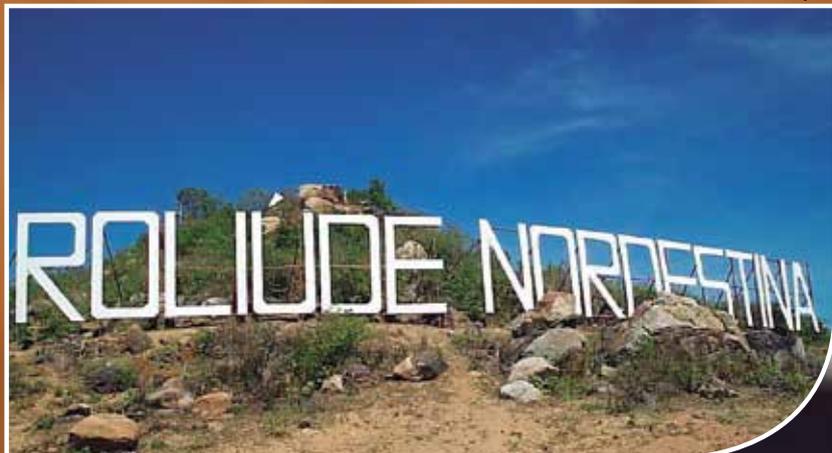
Na primeira área, comandou, por exemplo, a fundação da APC e a divulgação da cidade de Cabaceiras como “Roliúde Nordestina” (com direito à instalação do letreiro que meio que satiriza o da Hollywood original). Na segunda,

gerou um livro fundamental: *O Discurso Cinematográfico dos Paraibanos – O Cinema na/da Paraíba*, de 1986, relançado em 2007 como *O Cinema na Paraíba/ O Cinema da Paraíba*, em dois volumes.

Isso, entre muitas ações e livros na seara do turismo, da gastronomia, do carnaval e até do universo dos concursos de miss. “Era uma espécie de Dom Quixote”, lembra Bezerra. A comparação com o personagem de Cervantes não é única. “Ele tinha físico e sonhos de Dom Quixote. A obra de Wills se confunde com o homem”, diz a atriz Zezita Matos, que hoje preside a academia que ele idealizou. “Ele teve uma marcante atuação na nossa Paraíba no incentivo à cultura. Como escritor, pesquisador, crítico e como um homem muito simpático e teimoso (risos)”. A jornalista Maria do Rosário Caetano recorre a outro escritor. “Parecia um personagem de Ariano Suassuna”, diz. “Sabia tudo sobre bodes, amava o Nordeste e sua Paraíba natal e tinha memória enciclopédica”.

FOTO: REPRODUÇÃO

*Wills, na foto maior, feita em janeiro de 2020, quatro meses antes da morte do jornalista, ao lado, a “Roliúde Nordestina”, que ele batizou em Cabaceiras (PB)*



► “Há pessoas que se dedicam com tamanha paixão a uma causa, que elas se tornam imprescindíveis. Este é o caso de Wills Leal”, afirma Maria do Rosário. “Ele somou imensa quantidade de informações e imagens do cinema paraibano, a ponto de gerar os dois imensos e ilustradíssimos volumes sobre o cinema paraibano. Um material de valor inestimável e consulta obrigatória. Obrigatória e agradável, pois o projeto gráfico do livro é notável”.

Para ela, uma militante do cinema brasileiro, a pesquisa de Wills sobre o cinema paraibano o coloca ao lado de outros grandes memorialistas sobre o cinema nacional. “O que ele fez pela memória do cinema paraibano o coloca ao lado de Paulo Emilio & Adhemar Gonzaga (*70 Anos do Cinema Brasileiro*), Salvyano Cavalcanti de Paiva (*História Ilustrada de Filmes Brasileiros*), José Carlos Monteiro (*História Visual do Cinema Brasileiro*) e poucos outros”.

O *Cinema na Paraíba/ O Cinema da Paraíba*, em sua versão 2007, foi uma edição revista e atualizada. E atualizada até os 45 minutos do segundo tempo. Com lançamento no festival Cineport daquele ano, pouquíssimos dias antes da data marcada Wills podia ser visto em pleno festival em andamento anotando à mão as últimas informações que ainda encaixaria no livro. Mais atualizado, impossível.

## TURISMO E CINEMA

O projeto da Roliúde Nordestina buscava converter em turismo o interesse de diversos filmes pelos cenários da cidade de Cabaceiras – e aproveitar esse interesse crescente para aumentá-lo ainda mais. “Para mim, ele foi a alma da Roliúde Nordestina, pois conceituou e catalizou os desejos de uma pequena cidade que foi (e continua sendo) cenário de muitos filmes e série de TV”, conta Maria do Rosário. “Com a experiência armazenada como jornalista e gestor cultural (Secretário de Turismo, entre outros ofícios) ele conseguiu criar um projeto - polêmico, não se pode negar

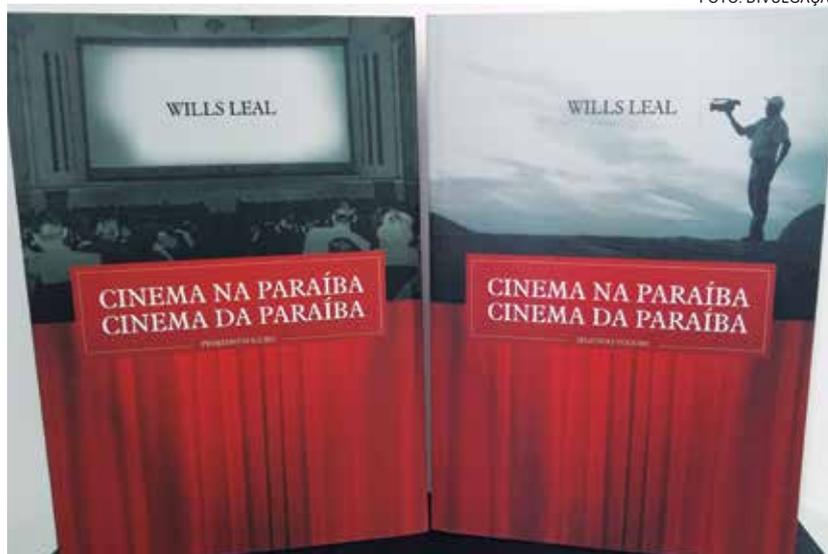


FOTO: DIVULGAÇÃO

- que teve projeção nacional”. O letreiro, em 2007, foi assunto de destaque, por exemplo, na revista *Set*, então principal publicação de cinema no Brasil, e no caderno *Ilustrada*, da Folha de S. Paulo.

“Sem o entusiasmo e militância de Wills, a Hollywood Nordestina seria algo disperso, inorgânico. Ele foi a força, o amálgama, que, apoiada na Prefeitura de Cabaceiras, deu liga numa série de iniciativas (a placa vistosa, o pequeno museu, reportagens em veículos de imprensa estadual e nacional, etc) e fez da Roliúde Nordestina algo concreto. Sem ele, o projeto perde seu porta-voz, seu maior defensor”, acrescenta Rosário.

Com seu ímpeto e teimosia, ele conseguia agregar parceiros para levar em frente seus projetos, mas também gerou conflitos. “Ele foi um homem indispensável na sociedade em um determinado momento, um pesquisador por excelência”, afirma Bezerra. “Mas era uma pessoa de convivência difícil. Não sei se sua solidão, sua solteirice planejada influía nisso”.

Na aurora da Academia Paraibana de Cinema, Bezerra acompanhava Wills para todo lado. “Ele era intempestivo e tinha umas ideias meio loucas”, lembra. “Mas cativava as pessoas que poderiam ajudá-lo”.

“Wills tinha uma vontade muito grande de produzir, mas também de criticar. Ele era radical”, conta Zezita. “A última briga dele foi com os Limeira”.

*Os volumes de 'O Cinema na Paraíba/ O Cinema da Paraíba', lançados em 2007: material de valor inestimável e consulta obrigatória*

Zezita se refere à polêmica a respeito da canção “Imprópria”, com a qual Chico Limeira venceu o primeiro Festival de Música da Paraíba, em 2018. Nela, Limeira critica figuras da história política da Paraíba, como Epiácio Pessoa, e Wills não gostou nada.

Maria do Rosário conta outra discussão com jovens, desta vez do cinema, que criticaram o projeto da Roliúde Nordestina em um debate do Fest Aruanda. “Os jovens cineastas demoliram o projeto ‘megalomaniaco’ de Wills Leal. A pequena Cabaceiras, onde não chovia nunca, continuava pobre, o tal polo era um ‘sonho virtual’ e a produção paraibana carecia de recursos, por mínimos que fossem”, conta. “O pai da Roliúde Nordestina não se deu por vencido. Continuou valorizando o gigantesco letreiro plantado na entrada da cidade sertaneja e inspirado na matriz parodiada, a poderosa Hollywood. Continuou usando todas as suas forças para levar o projeto paraibano adiante”.

Por outro lado, ele protagonizou uma notável aceitação de crítica contra ele, em um de seus mais de 20 livros. Quando escreveu *O Nordeste no Cinema*, nos anos 1960, pediu a Jean-Claude

- ▶ Bernardet um prefácio. Bernardet, outro polemista, escreveu – detonando o livro de cima a baixo.

“Escreveu um ‘prefácio’ corrosivo. Na verdade, uma crítica demolidora. Questionou tudo que dava sustentação ao livro de Wills: o conceito de cinema nordestino, ideias sobre *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Enfim, não deixou pedra sobre pedra”, conta Rosário.

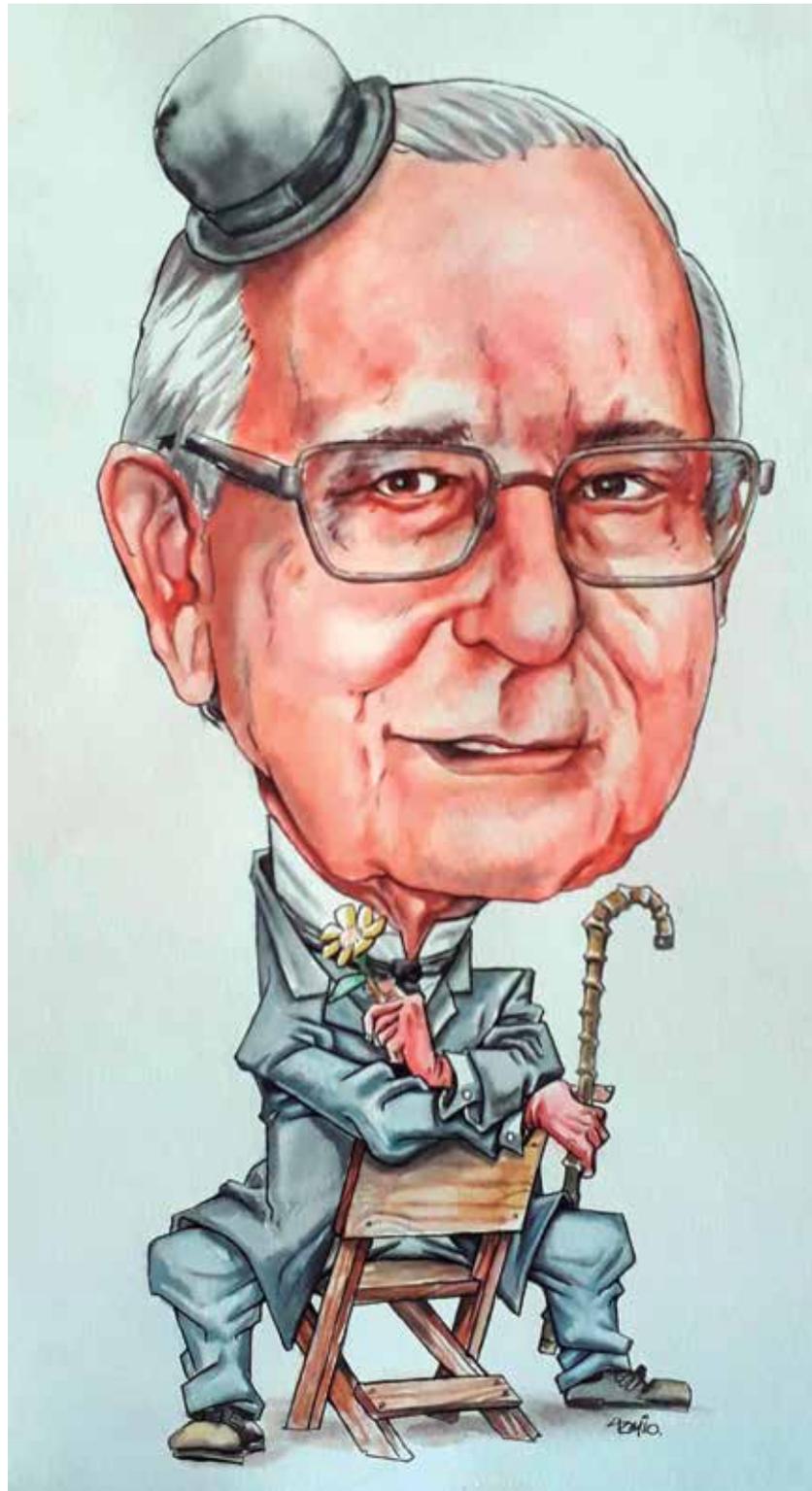
Quando o livro foi, enfim, publicado, em 1982, Wills incluiu o texto de Bernardet espinhafrando o volume (só que como pós-fácio). “Sua corajosa postura deu origem a um dos raros livros brasileiros em que um autor publica a mais demolidora das avaliações de sua obra no mesmo volume”, afirma a jornalista.

Wills Leal morreu aos 83 anos, em maio, em João Pessoa. Nos últimos tempos, seu estado de saúde se agravava: ele já enxergava e ouvia pouco. Isso não o impedia de continuar frequentando o festival de cinema Fest Aruanda ou eventos, como o Molduras Poéticas, de Zezita Matos.

“No último em que ele esteve, ele foi com a ajudante dele. Ele pediu que eu o buscasse em casa e o apanhei. Como a solenidade demorou, ele cansou. Sem ouvir direito, sem ver direito... E aí saiu. Quando senti falta, ele já tinha ido embora. Pois não é que, naquele dia, no caminho, passou um carro da polícia. Ele fez sinal, o carro parou e ele pediu para que o levassem até o hotel onde ele morava! Wills era, além de irreverente, teimoso, mas fazia as coisas”, recorda a atual presidente da Academia Paraibana de Cinema.

“Frequentava todos os debates festivaleiros, para desfiar suas infundáveis memórias e ideias controvertidas. Em dezembro do ano passado, já quase surdo, fez-se acompanhar de sua cuidadora, que repetia, aos gritos, no ouvido dele o que se falara na mesa ou na plateia”, recorda Maria do Rosário.

Zezita ligava para ele toda semana. “A gente tinha um projeto



*Caricatura inédita e exclusiva do jornalista Wills Leal feita pelo artista paraibano Tônio*

sobre turismo religioso na Paraíba. Ele tem tudo isso lá, um material incrível. Ele me dizia: ‘Zezita, quando passar essa pandemia, vamos pegar nosso projeto e ir ao Sesc pedir um apoio’”. Wills era, antes de tudo, imparável e incansável. ◀

**Renato Félix** é jornalista e crítico de cinema. É membro da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) e ocupa a cadeira 23 da Academia Paraibana de Cinema. É colaborador da revista Preview, do site UniversoHQ e editor da revista Artestúdio. É autor de textos nos livros '100 Melhores Filmes Brasileiros', 'Animação Brasileira - 100 Filmes Essenciais' e 'Trajetória da Crítica de Cinema no Brasil', entre outros.

# O Grande Wills Leal

João Batista de Brito  
Especial para o *Correio das Artes*



Cinema, história, ensino, turismo, boemia, carnaval, filosofia, jornalismo, folclore... Como conciliar interesses tão variados? De modo espantoso e coerente, eles se cruzaram na figura – igualmente espantosa e coerente – de Wills Leal (1936-2020), esse pensador da cultura que não se limitava a pensar, pois o seu fraco era agir, pondo em prática, sempre o quanto antes, tudo aquilo que lhe ocorresse incrementar a vida artística, cultural, turística e mundana da cidade e do Estado.

Se fosse para ficar num único âmbito do seu vasto campo de interesse, seria o caso de lembrar que Wills foi, nos princípios dos anos 1950, membro do primeiro cineclubes da cidade; fez crítica cinematográfica e ministrou cursos de cinema nos anos 1960; foi co-fundador da ACCP (Associação dos críticos cinematográficos da Paraíba); idealizou o projeto “Roliude Nordestina”; fundou a Academia Paraibana de Cinema, e é autor, entre tantos outros, de um livro essencial para o conhecimento da história do cinema paraibano: *O Discurso Cinematográfico da/na Paraíba*.

Mas, quem poderia prender Wills num único campo? A multiplicidade era a sua unidade e quem o acompanhava sabe muito bem que, se Wills não fez mais, foi por falta de apoio institucional. Na verdade, impossível imaginar onde Wills teria ido parar se porventura tivesse conseguido apoio – governamental ou de outra ordem – para todos os seus sonhos.

Da criança que viu a luz em um 18 de setembro de 1936, na pequena Alagoa Nova, brejo da Paraíba, ninguém diria que iria tão longe.

Pesquisador atento, quase obsessivo, antenado, informado, extremamente organizado na sua aparente desorganização, Wills é autor de uma rica bibliografia que recobre os aspectos mais variados da história do Estado, e de projetos que, em meio século, alteraram o semblante da Paraíba.

Inquieto, frenético, impulsivo, prolífero, inventivo, Wills impressionava pela sua capacidade de trabalho e pela sua eterna e incansável militância, que atirava inovadoras e oportunas ideias para todos os lados, e mais que isso, na

medida do possível, as concretizava com a garra e o entusiasmo de um visionário.

Além de agitador e fomentador cultural, Wills também foi uma personalidade admirável. Pessoa de coração e cosmopolita de vocação, foi uma figura impar que transcendeu o provincianismo com sua atonalidade de solteirão por opção. Humano, amigo, honesto, correto, aberto, reconhecedor e incentivador generoso de novos valores, Wills também podia ser, desconcertantemente franco, objetivo, direto e, quando necessário, um crítico impessoal e imparcial.

Em um de seus muitos escritos consta a boutade “cinema espiritual” – conceito que criou para definir aquela atividade que só existiu nas conversas de bares dos intelectuais pessoenses dos anos 1960. Ora, dentro desse “espírito”, vale imaginar Wills como protagonista de um desses filmes espirituais, apenas com a providencial ressalva de que o roteiro teria tido um desenlace diverso, pois seu desempenho nunca ficaria na mera “conversa”. Afinal, a envergadura e abrangência de seus feitos estão aí, para nos espantar.

*Jamais Deletado* (Editora Ideia, 2011) é o título de seu último livro. A expressão é o que dele deverá dizer a posteridade.

## BARULHO NA PROVÍNCIA

A mim, o nome de Wills Leal chegou no começo dos anos 1960. Mas não veio só. Veio junto com toda aquela turma que, então, praticava a crítica cinematográfica nos jornais locais: Linduarte Noronha, Geraldo Carvalho, João Ramiro Melo, Vladimir Carvalho, Pedro San-

*Além de agitador e fomentador cultural, Wills Leal também foi uma personalidade admirável*

tos, Paulo Melo, Ipojuca Pontes, Antônio Barreto Neto, e em seguida, Martinho Moreira Franco, Carlos Aranha, Jurandir Moura... Foi no meio desses nomes, e com eles confundido, que o fiquei conhecendo. Primeiramente, nos jornais e, só mais tarde, bem mais tarde, pessoalmente.

Além de fazer crítica, Wills dava cursos de cinema, organizava eventos, e fazia muito barulho, um barulho que agitava as cabeças da província, inclusive a minha.

Foi desse tempo a criação da ACCP (Associação de Críticos Cinematográficos da Paraíba) e, por tabela, as sessões de cinema na Sede da API (Associação Paraibana de Imprensa), onde pude assistir, na condição de espectador anônimo, obras primas do cinema, e ouvir o comentário de um grupo de intelectuais – Wills entre eles – que eu admirava.

Lia os textos de Wills, como os dos outros citados, e, na entrada ou saída das sessões do “cinema de arte” do Municipal, o avistava de certa distância, alto, ágil, falastrão, comentando os filmes exibidos, sempre com a mesma agitação, o mesmo barulho e a mesma convicção de quem estava por dentro do negócio. ▶

FOTO: ARQUIVO





João Batista de Brito entrevista Wills Leal para o documentário 'Atonal e Visionário', em que o entrevistado passa à linha sua vida, pessoal e intelectual

► Tímido, eu o admirava de longe e queria ser ele “quando crescesse”. Só fui chegar um pouco mais perto dele no Curso Colegial Artístico, ali na Av. Duque de Caxias, onde, convencido pelo amigo Marcus Vinicius de Andrade, fui estudar.

Wills foi lá o nosso professor de Sociologia, mas, nem aí, fiquei amigo dele. Como tarefa de casa do professor de literatura, Jairo Guedes, eu escrevia sobre cinema nos cadernos escolares, e, embora o professor elogiasse meus manuscritos, eu não tinha coragem de trocar ideias cinematográficas com Wills Leal.

Sempre fui muito quietinho e acho que sua agitação me intimidava. Só bem mais tarde, já anos 1980, quando comecei a publicar artigos sobre a sétima arte, é que nos aproximamos.

Um dia, escrevi sobre um de seus livros – nem lembro qual – e aí ele, certamente curioso de conhecer esse novato, me procurou e ficamos amigos. Nesse tempo, ele (como quase todos os acima mencionados) havia se aposentado da crítica cinematográfica, e por algum tempo (décadas de 80 e 90), me ocorreu ser o único crítico de cinema no batente dos jornais locais.

Tornamo-nos amigos e até vizinhos e passei a ser frequentador eventual de sua famosa re-

sidência no meu bairro, Manaíra – aquela sem muros, nem altos nem baixos, que tinha uma piscina rodeada de um gramado inclinado, que às vezes uma vaca ou outra escalava e caía lá dentro, quase morrendo afogada. Lembro bem da comemoração do centenário do cinema (1995), quando ele reuniu o mundo do cinema paraibano para um dia inteiro de farra.

## DE CRÍTICO A HISTORIADOR

Suas iniciativas no ramo do cinema, e noutros ramos, foram tantas que seria cansativo, ou talvez impossível listá-las. Ao tempo em que abandonou a crítica, Wills foi crescendo como historiador e o seu já citado *Cinema na/da Paraíba* – em belíssima segunda e mais completa edição – está aí como o documento mais completo da atividade fílmica no estado, até aquela data.

Além do agitador cultural que todo mundo conhece, Wills era, essencialmente, uma pessoa do bem, como tive o prazer de dizer no providencial documentário *Atonal e Visionário* que o videasta Mirabeau Dias fez com ele, em que fui o entrevistador.

Nesse documentário, Wills conta toda a sua trajetória intelectual, desde as primeiras leituras até a criação da Roliude Nordestina,

passando pelo cineclubismo dos anos 1950, crítica de cinema, filosofia, criação da ACCP, cinema de arte no Municipal, boemia, solteirismo, turismo, gastronomia, etc...

Passamos os restos de nossas vidas, eu e Wills, trocando figurinhas cinematográficas. Muitas e variadas. Chamava-me de Batista e fico imaginando a quantos amigos meus ele se referiu a mim assim, e deixou seu interlocutor tentando adivinhar quem era esse tal de “Batista” que escrevia sobre cinema.

Numa certa ocasião, há não tanto tempo, estávamos, eu, Wills e Carlos Aranha, num barzinho da Rua Sagrado Coração de Jesus, em Tambaú, e perguntei aos dois o que tinha sido feito da ACCP. Já que não existia mais, quis saber se teria havido uma reunião para sua dissolução... De chofre, Wills respondeu que a ACCP era eu. Aquilo foi, pra mim, um elogio imenso, que guardo com carinho. Naquele momento, me lembrei de mim mesmo, adolescente magrinho, feioso, inseguro e tímido, desejando ser Wills Leal quando crescesse...

Enfim, fica a tristeza com a partida de Wills Leal e o vazio cultural que deixa. ✖

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB)

# Wills Leal: topografia simbólica e memórias



**T**entemos organizar algumas ideias que possam sintetizar a figura de Wills Leal (1936-2020), sobretudo do ponto de vista de sua poliédrica intervenção no terreno das manifestações culturais. Ocorre-nos pensar Wills como um intelectual, tomando esta categoria à maneira de Karl Popper, em seu belo ensaio “Tolerância e responsabilidade intelectual”, inserido no livro *Em Busca de um Mundo Melhor* (1992), isto é, como aquele que vive produzindo ideias, fermentando ideias, relacionando ideias, criando fatos, pensamentos, críticas que sejam capazes de influir decisivamente sobre a realidade, analisando-a, interpretando-a e modificando-a.

Intelectual vivo, orgânico, sistêmico, interdisciplinar, na medida em que, partindo das teorias e métodos das ciências humanas e sociais, constrói uma *episteme* relacional, misturando saberes, conceitos, objetos e perspectivas. Portanto, um tipo de intelectual que parece se contrapor à personalidade mais restrita, talvez mais rígida, do especialista ou do *scholar* que pontificou nos centros universitários do país à época da imposição estruturalista.

Wills pertence a outra grei. Faz um percurso diferenciado ao largo dos marcos teóricos, encenando uma espécie de epistemologia fundada na flexibilidade do pensamento e na diversidade de interesses cognitivos, embora o mapa cultural da Paraíba prefigure a unidade objectual de sua contínua e inquieta investigação.

Num primeiro momento, quero dividir sua trajetória intelectual em cinco aspectos fundamentais para tentar dar conta de sua complexidade de ser pensante. E num segundo momento, resenhar um de seus livros mais curiosos, centrado em circunstâncias memoráveis de sua vida.

## O TOPÓGRAFO DOS TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS

Primeiro: Wills Leal me parece o típico autodidata de feição enciclopédica, para-universitária, não importando, assim, a formação acadêmica que possui. À especialização do saber universitário, em certo sentido ora descreditado pelo tosco purismo de suas abstrações, Wills prefere, ao modo de um Edgar Morin, ou de um Pierre Weil, trilhar os caminhos da complexidade, da ecologia e do holismo, uma vez que o método relacional por ele praticado está na base de sua percepção de mundo. Para ele, os fatos culturais não se explicam isoladamente. É preciso contextualizá-los e vê-los na conexão de uns com os outros para que se possa compreender a sua respectiva singularidade. Daí porque, em Wills, cinema e literatura, turismo e cidade, festa e gastronomia como que constituem um objeto de estudo ao mesmo tempo unitário e difuso. A prova reside nos múltiplos livros que publicou.

Segundo: Wills Leal se apresenta simultaneamente como organizador da cultura e ordenador do fato cultural. Só um exemplo: é impossível pensar a Paraíba do ponto de vista turístico e gastronômico, boêmio e festivo (no sentido, aqui, das festas populares, em particular, o carnaval) sem passar pelos estudos de Wills. Os dados e as informações que ele produz em cada livro, em cada ensaio, nos vários terrenos aludidos, são e serão fontes preciosas para as novas gerações.

Aqui, Wills se institui como um memorialista do cotidiano, um historiador das mentalidades, um cronista do imaginário social, na linha, por exemplo, de um Philippe Ariés. Livros, como *Cabo Branco: A Saga de Um Grande Clube* (1995), ▶

► *Fragmentos Éticos e Gastronômicos: A História do Comer e do Beber na Paraíba* (2000), *Conquistando o Turista Pela Boca: Gastronomia Internacional Como Produto Turístico e Gastronomia Como Produto Turístico: Sabor Nordeste*, ambos de 2006, dão bem a medida do que quero dizer.

Terceiro: em decorrência do enciclopedismo e do método relacional, Wills formaliza seu objeto de estudo de modo plural. Dentro de seus campos de interesse, posso me ater, por exemplo, ao cinema. Pesquisa e paixão, história e cinefilia, informação e crítica como que compõem o tecido de suas variadas apreciações. A síntese teórica de sua fidelidade ao mundo do cinema, em especial ao cinema paraibano, encontra-se em *Cinema na Paraíba; Cinema da Paraíba* (2007), obra de fôlego histórico e referência mais completa acerca da sétima arte em terras tabajaras. Cinema e cotidiano, gastronomia e cotidiano, turismo e cotidiano constituem interfaces modelizantes de sua “dispersa demanda”.

Observemos apenas a experiência do turismo sob o olhar de Wills. O turismo traz à tona o tema da viagem, do deslocamento e dos intercâmbios culturais, repassado por uma surpreendente energia simbólica. Turismo não existe sem patrimônio, e não somente o patrimônio turístico, ou seja, aquele caracterizado pelo elemento da atratividade e da visitação, mas também, sem o patrimônio histórico, ecológico, paisagístico, dentro da perspectiva de que o turismo, em sendo fenômeno de desenvolvimento econômico (desenvolvimento sustentável, por assim dizer), converte-se sobretudo numa rica experiência cultural e estética.

No que concerne a isso, Wills, em *O Real e o Virtual no Turismo da Paraíba* (2001), apresenta, em um de seus capítulos, os principais guias turísticos da velha capital, sinalizando para as possíveis relações entre turismo e literatura. Os nomes de Ademar Vidal, Celso Mariz, José Américo de Almeida fundam uma espécie de trindade comprometida com o sentido ético e estético da paisagem urbana,

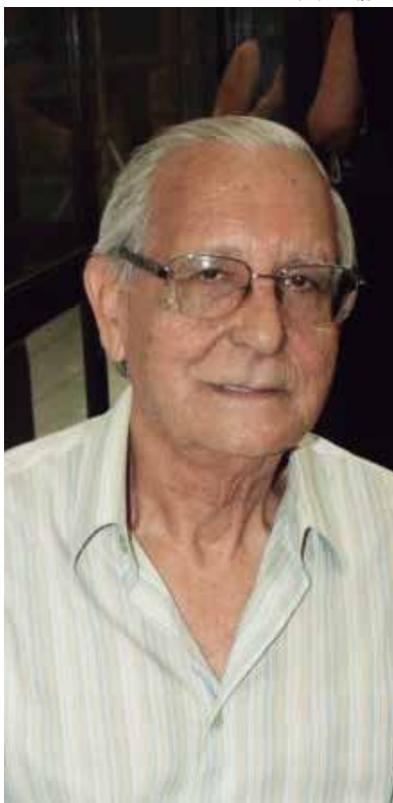


FOTO: ARQUIVO

*Wills Leal se institui como um memorialista do cotidiano, um historiador das mentalidades, um cronista do imaginário social*

tanto no que tange ao patrimônio natural quanto ao cultural e histórico, dos quais vai brotar, em circunstâncias adequadas, o chamado patrimônio turístico.

Atento a este fato, Wills parece pontuar os tópicos de uma viagem, não apenas física, real, concreta, porém, uma viagem simbólica, interior, virtual, na qual os signos literários dispõem os pontos de fuga do deslocamento imaginário.

Quarto: como poucos intelectuais paraibanos, Wills, em sua efervescente trajetória cognitiva, demonstra uma intensa identificação com o *locus*. Inteiramente voltado para a compreensão do mundo que o cerca, entrega-se diuturnamente ao diálogo com a sua cidade, fazendo de sua ação – em certo sentido de constante animação cultural e também de teor

dialógico/pedagógico – uma vasta topografia dos seus territórios simbólicos.

Quinto: finalmente destaco, em Wills, completando este perfil do intelectual, sua capacidade de pesquisa e sua virtualidade elocutória. Em relação ao primeiro aspecto, Wills se revela um pesquisador de fôlego, observador e captador de detalhes significativos em torno dos assuntos e dos temas que aborda. O cuidado em elucidar as fontes me parece um traço preciso de sua tarefa investigativa. Creio que isto se deve à sua larga experiência jornalística e ao compromisso moral com a ética da informação. Quanto ao segundo, realiza-se em duas modalidades: a escrita e a oral. Lá, o legado de vinte e um títulos sobre os mais diversos temas; aqui, a presença forte do palestrante, do *causer*, do debatedor e do conferencista sempre desenvolvido no espaço de poder das palavras. Poder que provoca. Poder que seduz...

## MEMÓRIAS

Entre o susto das detenções após o Golpe Militar de 1964 e as peripécias, picarescas e pantua-grélicas, de viagens, acidentes e incidentes turísticos, narrados em ritmo de filme de aventura ou de ficção policial, Wills Leal costura toda a trama de suas memórias, cristalizadas em *Primeiro de Abril, Antes e Depois de 64* (João Pessoa: Ideia, 2014).

Toda memória é invenção, diz José Saramago, em uma de suas entrevistas. Convicto disto, o polígrafo paraibano ressalta, logo na introdução, “Das prisões tenebrosas, surrealistas e as misteriosas aventuras pelo mundo”, o aspecto irreduzível da recriação, da fragmentação e de outros processos discursivos que subjazem à ordenação do texto. Acostado em epígrafe de Michel Foucault (“O autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos, nem é o produtor nem o inventor deles”), como que assume o pacto da desconstrução, apostando, sem dúvida, na “ilu- ▶

› são biográfica” de que fala Pierre Bourdier.

Daí, mais um compromisso com a verossimilhança, articulada em função das exigências internas e dos procedimentos estilísticos das narrativas, do que com a imutabilidade impassível de uma verdade indiscutível, de uma “verdade verdadeira”. O real e o virtual como que se mesclam na tessitura do texto, e o autor/narrador, no interior do contrato textual, que envolve conteúdos reais e também as técnicas literárias do fingimento, não se envergonha de compactuar com a “realidade aumentada”, isto é, com o excesso, a deformação, enfim, o fluxo ficcional invadindo os territórios da memória.

A lógica da escrita não é linear. Alternados, a partir de uma tipologia que contempla, por um lado, experiências políticas e ideológicas, e, por outro, situações turísticas e boêmias, os fatos, na mais das vezes pitorescos, hilários, tragicômicos, surpreendentes, constituem blocos fechados como pequenos contos, cada um, de per si, dotado de autonomia significativa e com uma regência espaço-temporal própria, embora os sinais ambíguos do “primeiro de abril” e a atmosfera tensa e abafada do 64, imprimam uma nota sutil de unidade estrutural.

São repassados, aqui, alguns episódios que, para além do entorno individual e subjetivo do autor/narrador, possuem elementos históricos que devem ecoar na memória coletiva, o que, em certo sentido, amplia as repercussões pragmáticas do discurso.

Se Wills Leal traz à tona circunstâncias vividas na pele de quem sofreu os efeitos nefastos do Golpe de 64, muitos de seus leitores decerto ver-se-ão ali, percutindo, nas suas respectivas lembranças, os ruídos escabrosos de um tempo nublado pela sombra do arbítrio. O arrombamento, com aríetes, da porta da Faculdade de Direito, as prisões no 15 RI, as perseguições a intelectuais e instituições, como a API, a CEPLAR, a FAFI, enfim, todo o clima de insegurança e inquietação que viveram aqueles

que se opunham, direta ou indiretamente, ao novo regime, alargam a esfera da memória individual, mantendo, no entanto, a perspectiva única e intransferível de um olhar especial.

Diferente de certa tradição das narrativas-testemunho, marcadas, em geral, pelo tom grave e por uma perspectiva não raro radical, as histórias contadas por Wills Leal procuram preservar uma entonação humorística, uma maleabilidade rítmica, uma leveza semântica e um viés solto e despachado que culmina na eficácia acesa e áspera do riso, tanto quanto nutriente crítico quanto fator de descontração e prazer. Serve-lhe bem, pois, a expressão latina: “ridendo dicere severum” (Rindo, dizer as coisas sérias).

As narrativas de viagem, sobretudo pelos “acidentes e incidentes”, mais que as narrativas políticas, tendem a enfatizar a dimensão risível, as contradições e o grotesco que, de surpresa, interferem no mapa da existência, provando o poder do acaso, e não somente da necessidade, enquanto imperativo que preside a “gramática” dos acontecimentos. O autor, aqui, vira turismólogo e, em meio às rocambolescas situações que vivencia em bares, restaurantes, aeroportos, aviões, embaixadas, cidades e países, fotografa as paisagens do mundo ao mesmo tempo em que, numa espécie de atonalidade filosófica, pensa e repensa o balancete de sua vida, dentro de uma lógica em que o dado racional não obtura o primado da intuição, da sensibilidade e da aventura.

De outra parte, estas memórias, e eu diria memórias incompletas, memórias lacunosas, memórias ambivalentes, memórias inventadas, memórias paródicas, refletem muito bem a personalidade autoral, por mais que o autor, a partir

da epígrafe já assinalada e dos dizeres de Claude Levi Strauss, em *Tristes Trópicos*, e Gabriel Garcia Marques, em *Cem Anos de Solidão*, queira se diluir entre outros, queira a própria “morte do autor”, à Rolland Barthes, num paratexto que, de certa maneira, convoca a mentira para integrar o tecido da verdade.

Wills Leal é um autor plural, escorregadio, errante – nem à esquerda nem à direita –, regido pela magia do cotidiano e filiado incontestemente ao partido do presente; materialista, atonal, sem metafísica, pelo menos a metafísica que se esgota nos dogmas idealistas do dever ser. Suas áreas de interesse constituem campos complexos e complementares, e estas memórias sinalizam para isto.

O cinema, o cinema que na sua inscrição imagética invade seu texto em forma e fundo; a gastronomia, o urbanismo, as festas populares, as instituições culturais, o patrimônio histórico, a literatura e as artes compõem sua fabulosa topografia simbólica e ativam os artefatos cognitivos de sua razão sensível. Sua ética é toda dionisiaca e, face às garras do poder, reage quase sempre com a potência e na direção da mais alegre afirmação da vida.

Se na vida, a alegria é a prova dos nove, conforme tirada de Oswald de Andrade, Wills Leal passa muito bem nesta prova. Seus mais de oitenta anos vividos, e bem vividos, os muitos livros que escreveu e publicou, os inúmeros amigos que fez e uma disposição peculiar para, nos embates com a alteridade, defender a possibilidade do princípio do prazer, não me deixam mentir. Embora mentir seja essencial. Tão essencial quanto o humor.

(Em tempo: à memória de Wills Leal) ✦

**Hildeberto Barbosa Filho (HBF)** é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem*, e *Valeu a pena*.

# José Lins do Rego e Graciliano Ramos

## em três momentos:

INFÂNCIA, JUVENTUDE, IDADE ADULTA.

**Neide Medeiros Santos**  
Especial para o *Correio das Artes*

### INFÂNCIA:

Graciliano Ramos nasceu em 1892, fim do século 19, e José Lins do Rego em 1901, primeiros anos do século 20. Uma região árida do sertão de Alagoas, Quebrangulo, foi o berço de Graciliano, depois a família se transferiu para Buíque, sertão de Pernambuco, terra tão seca quanto Quebrangulo. José Lins do Rego nasceu no engenho Tapuá. Com a morte da mãe, passou a morar no Engenho Corredor de propriedade do seu avô, nas proximidades da cida-

**O que une Graciliano a José Lins na primeira infância é a dificuldade no aprendizado da leitura e esse fato está registrado em dois livros de memórias**

▶ de de Pilar (PB). Foi criado pelo avô e pelas tias Maria e Naninha. Ao contrário das terras áridas do sertão de Alagoas e Pernambuco, a zona da mata onde Zé Lins nasceu era verde e úmida.

O que une Graciliano a José Lins nessa primeira infância é a dificuldade no aprendizado da leitura e esse fato está registrado em dois livros de memórias – *Infância* (1945), de Graciliano Ramos, e *Meus Verdes Anos* (1956), de José Lins do Rego. Nesses dois livros, Graciliano e José Lins falam sobre vários fatos ocorridos na infância, mas o interesse aqui se volta para o período escolar, a fase da leitura. O caminho foi “cheio de curvas”.

Graciliano revela, no capítulo “Leitura”, que o pai não tinha nenhuma vocação para o ensino, mas quis meter o alfabeto na cabeça do filho. Desastre total. A lição era “tempestuosa” - um pedaço de madeira pesado, da largura de quatro dedos, era o terror do menino. Quando não reconhecia as letras, recebia palmadas e as mãos ficavam inchadas. Ouvir as histórias de Trancoso agradava, mas decorar o que não entendia era um sufoco. Foi por essa época que começou a fazer associações com as letras – o T era um boi, o D era uma peruinha. Mas nada dava resultado, afinal o pai desistiu de instruir o filho e coube a Mocinha, irmã mais velha, “de-sasnar” Graciliano.

Mocinha foi paciente e começou a descobrir o mundo misterioso das letras com aforismos bem conhecidos, encontrados no primeiro livro de leitura: “A preguiça é a chave da pobreza”, “Quem não ouve conselhos raras vezes acerta”, “Fala bem e pouco: ter-te-ão por alguém”. Não resistiu a curiosidade e perguntou: Quem era Terteão? Mocinha confessou, honestamente, que não sabia quem era Terteão e o menino ficou triste com a resposta.

Depois veio a escola de D. Maria em Buíque, o colégio em Viçosa, a biblioteca do tabelião Jerônimo Barreto, o professor Mário Venâncio e a descoberta da literatura. Foi nesse ambiente de leitura e de livros que surgiu o novo escritor.

Alguns excertos do livro *Meus*



**Nesses dois livros, Graciliano e José Lins falam sobre vários fatos ocorridos na infância, mas o interesse aqui se volta para o período escolar, a fase da leitura. O caminho foi “cheio de curvas”**

*Verdes Anos* esclarecem a dificuldade de José Lins no aprendizado das letras. Quando estava na idade de ir à escola, apareceu na vila de Pilar (Paraíba) Dr. Figueiredo. Por intermédio do mestre Fausto,

Dr. Figueiredo enviou um recado para o avô de Zé Lins – ele poderia ensinar o menino a ler. Todos gostaram do oferecimento e o neto foi mandado para a casa do professor. No início, Dr. Figueiredo ensinou as primeiras letras com agrado, mas aos poucos foi se aborrecendo e chegou a gritar:

“- Menino burro!” (p.129)

O pequeno não aprendia nada e o mestre continuava reclamando:

“- Nunca vi menino mais rude.” (p. 129).

Ao voltar da escola para casa, perguntou à tia Naninha o que era ser rude e ouviu essa resposta:

“- É gente sem inteligência.” (p.129).

Cada dia que se passava Dr. Figueiredo ficava mais impaciente com aquele aluno que se mostrava incapaz para as letras. Um dia, em um acesso de fúria, o professor passou-lhe a régua na cabeça deixando um galo na testa. O menino se debulhou em lágrimas e nem os agrados de D. Judite, a esposa de Dr. Figueiredo, estancaram as lágrimas sentidas. E vinham as reclamações do mestre:

“- Nunca vi menino mais burro do que este!” (p 129).

Com sua incapacidade para ensinar, nada conseguiu e o menino partiu para outra escola. Chegara à cidade de Pilar, uma moça da Paraíba, diplomada e de família de professores, chamava-se Donzinha, e o menino foi encaminhado para essa nova professora.

Nessa escola era muito bem tratado, não havia pancadarias, nem ofensas, mas continuava com as mesmas dificuldades para aprender a ler. Ouvia a cantoria dos alunos e permanecia indiferente. Parecia um caso perdido. “Não havia jeito. Era mesmo a burrice de senhorzinho Goiabão e de João Beabá”. (p. 144).

Goiabão morreu de velho, sem aprender a ler. No engenho, falava-se de outras pessoas, como João Beabá, que não passara da carta de a-bê-cê.

À noite colocava a cartilha e a ▶

▶ tabuada debaixo do traveseiro para ver se entrava alguma coisa na cabeça. Não comia mais queijo, diziam que queijo fazia ficar rude. Algum tempo depois, foi encaminhado para a escola de João Cabral, aula pública para meninos. O mestre tratava Dedé, apelido dado pelos familiares a José Lins, com benevolência, mas a incapacidade para as letras continuava. Nada aprendeu na aula do novo professor.

As escolas de Dr. Figueiredo, D. Donzinha e João Cabral foram inúteis. Aí veio a escola de Sinhá Gorda e foi esta mestra, sem anel no dedo, que, com muita paciência, conseguiu empurrar as letras na cabeça do menino. É bem verdade que houve o reforço e ajuda da irmã de Sinhá Gorda, Maria Luísa. E tia Naninha desabafava:

“- Sinhá Gorda conseguiu desasnar o José”. (p.146)

Agora tia Naninha gostava de exibir o adiantamento de Zé Lins. Diante das visitas, pedia para ler os títulos do *Diário de Pernambuco* e da *Província*, jornais que apareciam no engenho. As negras na cozinha comentavam que o menino já estava lendo jornais. Passara para o primeiro livro de leitura e sabia fazer conta de somar e de diminuir, estava mais adiantado do que Goiabão. Não era burro como parecia e começou a ler muito.

A leitura dos livros de literatura no internato do Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana (PB), e os textos publicados no jornal do Colégio Pio X, em João Pessoa, abriram-lhe as portas para a literatura.

## JUVENTUDE:

Depois que terminou o curso de Direito, José Lins do Rego foi nomeado promotor público em Manhauçu (Minas Gerais). Sentindo-se distante do que realmente gostava de fazer - ler e escrever - renunciou ao cargo e aceitou vir para Maceió para trabalhar, inicialmente, como fiscal de bancos, posteriormente como fiscal de consumo.

Nos anos 1930, Maceió vivia uma verdadeira eferescência literária. Existia a “Roda de Maceió”, um grupo formado por escritores e artistas de Alagoas e de outros estados do Nordeste. À noite, o grupo se reunia no “Ponto Central”, um café no centro da cidade, e os frequentadores desse café conversavam sobre tudo, especialmente sobre literatura. O grupo era formado por José Lins do Rego, Jorge de Lima, Aluísio Branco, Raquel de Queirós e seu marido José Auto, Aurélio Buarque de Holanda, Theo Brandão, Graciliano Ramos, Valdemar Cavalcanti, Jorge de Lima, Rui Palmeira, o jornalista Arnon de Mello, o pintor, desenhista e cenógrafo Tomás Santa Rosa.

Ao publicar *O Mundo do Menino Impossível*, Jorge de Lima foi saudado por Zé Lins com palavras entusiasmadas devido à sua adesão ao regionalismo e confessa que um dos poemas mais célebres de Jorge de Lima - “Essa Negra Fulô” - foi uma sugestão sua. O grande sonho do escritor paraibano era se tornar um bom crítico literário. Escreveu muitos ensaios e um deles foi o prefácio aos poemas de Jorge de Lima para o livro *O Mundo do Menino Impossível*.

Graciliano teve uma passagem ligeira por Maceió em 1931, mas só veio se juntar ao grupo em 1933 quando foi nomeado Diretor da Instrução Pública, cargo equivalente ao de Secretário de Educação do Estado. De 1933 a 1936, teve forte atuação nesse grupo de intelectuais de Maceió e lá encontrou José Lins do Rego, tornaram-se grandes amigos. José Lins do Rego permaneceu em Maceió de 1926 a 1935.

Na entrevista concedida a Francisco de Assis Barbosa, inserida no volume 7 da Coleção Fortuna Crítica, José Lins do Rego (1991: 65-67), sob a direção de Afrânio Coutinho, seleção de textos de Eduardo Coutinho e Ângela Bezerra de Castro, o romancista fala sobre esse período que viveu em Maceió.

Diz José Lins do Rego (1991:66): “Morei nove anos em Maceió, na minha casa da Avenida da Paz. Fiz bons amigos, Jorge de Lima, Walde-  
mar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda, Raul Lima, Alberto Passos de Guimarães e o admirável Aloysio Branco, poeta que morreu menino e que padecia de um verdadeiro delírio literário”.

FOTO: REPRODUÇÃO



**Ao publicar 'O Mundo do Menino Impossível', Jorge de Lima foi saudado por Zé Lins com palavras entusiasmadas devido à sua adesão ao regionalismo.** ▶

Os intelectuais alagoanos não aderiram de imediato ao Modernismo da Semana de Arte de São Paulo, mas realizaram em 17 de junho de 1928 a “Festa da Arte Nova”, uma espécie de Semana de Arte Moderna. Em 23 de junho de 1929, o mesmo grupo promoveu a “Canjica Literária”, um evento regionalista que teve o patrocínio de Jorge de Lima e José Lins do Rego.

A “Canjica Literária” foi uma manifestação pública de adesão ao Modernismo. O local da festa foi ornamentado com espigas de milho e as pessoas deviam se apresentar caracterizadas de caipiras. Para essa festa, foram apresentadas músicas e peças brasileiras como “Mineiro-pau”, “Yoyô-de-yayá”, sambas brasileiros e tudo que os organizadores consideravam como representante da brasilidade.

Além da “Roda de Maceió”, existiu também a “Academia dos Dez Unidos”, uma paródia bem humorada à Academia de Letras de Alagoas e ao “Grêmio Literário Guimarães Passos”. Os integrantes da “Roda” eram os mesmos da Academia e do Grêmio.

Quanto à ideologia política do grupo alagoano, eles eram antifascistas e antigetulistas. Três integrantes tinham vínculos com o Partido Comunista: Alberto Passos de Guimarães, que era secretário regional do PCB, Rachel de Queiroz e seu marido, José Auto. Rachel e José Auto estavam rompidos com o partido e se aproximavam mais dos trotskistas. Na opinião da própria Rachel, “eram quase todos cor-de-rosa, isto é, esquerdizantes que não chegavam a ser vermelhos.”

José Lins do Rego era alegre e brincalhão, estava sempre bem-humorado. Na fraterna convivência do grupo, Graciliano chamava-o de “enfant terrible” e dizia que ele divertia a todos. Por ser mais velho do que os amigos, Graciliano era chamado de “Velho Graça”. Quando se aproximava do grupo, Zé Lins saudava-o com este chiste: “Lá vem o Velho Graça cheio de graça”.

Em 1932, morando em Maceió, José Lins do Rego publicou seu primeiro romance – *Menino de Engenho* – que foi saudado pela crítica de forma elogiosa, conquistando o prêmio Graça Aranha. No que se refere à sua primeira tentativa de escrever um romance, o escritor revela que se deu em 1927. O protagonista seria um sujeito neurastênico, pedante e intelectualizado que trabalhava em uma biografia de Machado de Assis. Carlos de Melo era o nome do personagem. Dessa história, que restou apenas umas oito ou dez laudas manuscritas em um caderno, ele aproveitou apenas o nome do protagonista quando escreveu os romances do ciclo da cana-de-açúcar.

Foi uma conferência pronunciada na Congregação Mariana de Maceió em 1931, intitulada “O Filho Mau”, uma história pungente, a pedra de toque que o levou a pensar em escrever *Menino de Engenho*. Ele não sabia explicar porque aquela conferência tinha sido o impulso para escrever o livro, só sabia que teve forte impacto no que pretendia escrever, assim nasceu seu primeiro romance. Morando, ainda em Maceió, publicou *Doidinho* (1933) e *Banguê* (1934). Pode-se dizer que “estava amadurecido para a vida e para a literatura”.

## IDADE ADULTA:

Em 1935, José Lins do Rego mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a exercer a função de agente fiscal de consumo. Nesse mesmo ano, ocorreu a Intentona Comunista e a partir dessa data, começaram as perseguições aos comunistas e àqueles que simpatizavam com as ideias esquerdizantes.

Em 1936, sem nenhuma acusação comprovada de ser comunista, Graciliano Ramos foi preso em sua residência em Maceió e levado para o Recife e, posteriormente, para a Casa de Detenção, no Rio de Janeiro. José Lins já morava no Rio desde 1935 e visitava com frequência o amigo, levando cigarros, jornais, livros. Graciliano fumava muito.

Certo dia, durante uma das visitas. José Lins do Rego comunicou a Graciliano que tinha arranjado um advogado para defendê-lo das acusações injustas e soltá-lo. Graciliano alegou que não tinha dinheiro para pagar os honorários do advogado e ficou mais admirado ainda quando soube que o advogado era Sobral Pinto, um reconhecido advogado do Rio de Janeiro e defensor de presos políticos.

José Lins afirmou que não precisava se preocupar, Sobral Pinto não iria cobrar nada. Assim aconteceu, Sobral Pinto defendeu seu constituinte e Graciliano, por interferência do amigo José Lins, foi solto. Mas onde morar? Não tinha teto nem dinheiro, José Lins levou Graciliano para sua casa e lá ele ficou até arranjar um trabalho e um local para morar com a família, Dona Heloísa e filhos. A amizade entre os dois escritores permaneceu por toda vida. ✖



FOTO: REPRODUÇÃO

**Por intermédio de Zé Lins, o advogado Sobral Pinto (foto) foi o responsável por tirar Graciliano Ramos da cadeia**

**Neide Medeiros Santos** é professora e crítica literária. Tem livros publicados na área de leitura e literatura infantil. Em breve, lançará *Graciliano Ramos em quadrinhos*, com ilustrações de Val Fonseca. Mora em João Pessoa.

# Balduino Lélis:

## O guardador de vidas e de sonhos

**José Nunes**  
Especial para o *Correio das Artes*

O "Senhor  
dos Museus"  
completa 90  
anos em agosto,  
recolhido ao  
território livre  
de Taperoá

Na Paraíba, com raras exceções, nenhuma pessoa venerou a cultura e a arte com tanta dedicação, ou mais, do que Balduino Lélis de Farias, sem ambicionar cargos públicos ou posições requintadas nos salões da nobreza, mesmo quando oportunidades surgiram. Em agosto, o “Senhor dos Museus” fará 90 anos.

Recolheu para si a missão de pesquisar, documentar e preparar os espaços para guardar as pegadas da civilização na História da Paraíba. Tudo o que fez durante sua vida foi com a alma da Paraíba, o homem arrastando a história do povo para que, no futuro, as gerações pudessem conhecer os rastros de seus ancestrais.

Quando o Sertão ardia ao sol que tostava a vegetação, secando os açudes e córregos no ano de 1930, Balduino Lélis de Farias nasceu. Taperoá ardia como coivara, a seca ampliava o ambiente esturricado das margens dos riachos e baixios, onde o gado e as cabras catavam o que estava de babugem que mais parecia gravetos secos. Na Serra do Pico, as malacachetas reluziam à luz do meio-dia com tanta intensidade que se confundiam com os enfeites dos chapéus de couro dos cangaceiros que circulavam em bandos naquela região.

No ano em que Balduino nasceu, aconteceram cenas de sangue na política da Paraíba, com perseguição e morte de famílias de políticos em todo o Estado.

O menino Balduino escutava as conversas sobre todos os acontecimentos políticos envolvendo familiares bem próximos e as façanhas do mais famoso cangaceiro – Virgulino Ferreira da Silva, Lampião – que à época aterrorizava o Sertão.

As dificuldades de acesso ao ensino não permitiram que ele concluísse apenas o curso primário, na escola de Dona Antônia Lélis, na sua cidade natal. Entretanto, tornou-se autodidata e consolidou sua presença

nos meios culturais da Paraíba. Dedicando grande parte de sua vida as pesquisas e à leitura na busca de novos conhecimentos, aprendeu a falar espanhol, francês e italiano e merrime (Kanel-la), língua indígena que usava para conversação, quando necessário.

Cedo, descobriu a paixão pela arte e, a mesma arte que percebia espalhada pelo lugar onde morava e que criou nele a vontade de pesquisar e documentar a cultura do povo. Dedicou sua vida a descobrir e preservar a cultura nas suas mais diferentes manifestações e conhecimentos, desde o folclore, a arqueologia e a paleontologia, de modo a ajudar na preservação da memória do povo nordestino.

Montou museus pelo Nordeste e, de modo especial, na Paraíba. Recebeu a alcunha de “Senhor dos Museus”, tanta sua dedicação a instalar esses espaços de preservação da memória.

Destacado pesquisador cultural e folclorista, amigo de Ariano Suassuna, seu conterrâneo, também tinha proximidade com Glauber Rocha, José Lins do Rego, Câmara Cascudo, Luiz Almeida, Assis Chateaubriand e José Américo de Almeida que, em 1957, nomeou-o Promotor Adjunto da Comarca de Taperoá.

No ano de 1969, ele recebeu menções honrosas e voto de louvor da Assembleia Legislativa da Paraíba, pela colaboração a cultura da Paraíba.

Também recebeu Honra ao Mérito no IV Centenário Paraíba, no ano de 1985. Foi homenageado na VI Noite da Cultura paraibana, e foi condecorado com a Medalha Rui Barbosa do Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil.

“Um museu não é um ambiente com um monte de coisas velhas. Pelo contrário: o museu representa a história viva de um povo”, esclareceu Balduino, certa vez. Citado pela Enciclopédia Britânica pela rele-

vância das pesquisas realizadas sobre a cultura pré-histórica nos sítios arqueológicos da Itacoatiara do Ingá (PB), mas isso não o envaidece.

Ele tem fascinação pela Pedra do Ingá, que considera um dos maiores patrimônios naturais da Paraíba. Atendendo a uma solicitação da diretoria do Banco do Estado da Paraíba, na década de 1970, montou uma réplica da Pedra do Ingá que foi colocada na agência central do banco.

Como professor convidado, deu aulas na Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Ceará, e na Universidade de Tóquio, no Japão, aonde ministrou palestras sobre baleias pleistocênicas.

#### MÚLTIPLAS FACES

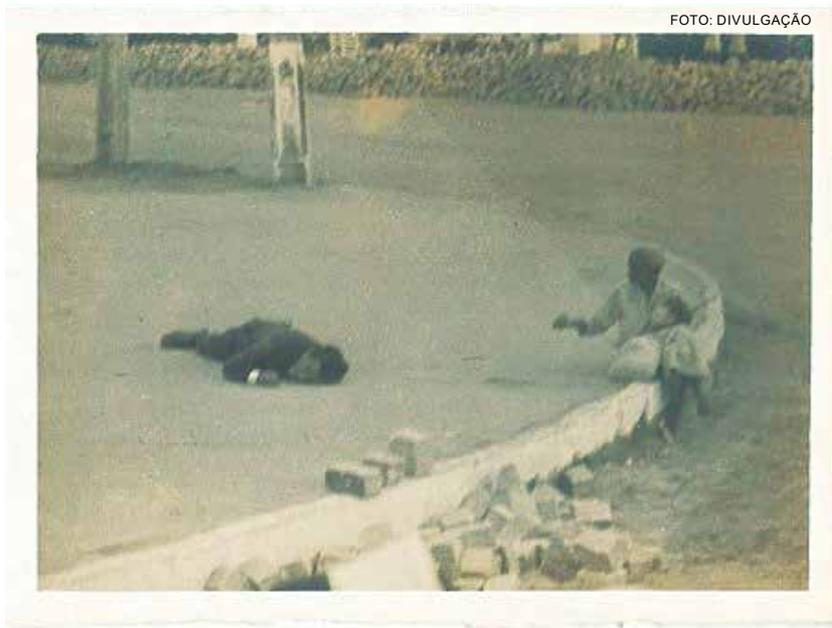
Balduino também trabalhou como ator de cinema e teatro, além de escrever romance, contos e exercer as artes plásticas. Sempre presente aos movimentos culturais, mesmo que não tenha publicado, Balduino tem uma produção literária invejável, como romancista e contista.

O romance *A Bota Maldita* e os contos regionais ‘O conto dos contos de réis’ e ‘O caso do Capitão Tranquilino e o Padre Ananias’ são títulos que chamam a atenção pela maneira como abordam os temas.

Como ator, atuou no primeiro filme longa-metragem rodado na Paraíba, *Salário da Morte*, uma produção de José Bezerra Filho e Waldemar José Solha, com direção de Linduarte Noronha.

Também foi dele o papel do Capitão Antônio Silvino no filme *Menino de Engenho* uma produção de Glauber Rocha e Walter Lima Jr, personagem que voltou a interpretar no filme *Fogo Morto*, de 1976, com direção de Marcos Farias.

As mais recentes atuações na sétima arte foram como São Gregório no filme *São Gerônimo*, de João Bressane; o Coronel Bezerra na minissérie *Auto da Compadecida* (gravada em Tape



*Balduino Lélis, no papel de um juiz em 'Salário da Morte', primeiro longa-metragem paraibano*

▶ roá) e o pai de Padre Rolim no longa *Um Sonho de Inacim – O aprendiz de Padre Rolim*, direção de Eliézer Rolim.

O jornalista Wills Leal, falecido em maio deste ano, escreveu sobre as inquietações de Balduino, este homem do Sertão que foi um fazedor de sonhos. Para ele, Baluino foi um “homem dos sete instrumentos” e um homem de praticidade, telúrico e regional, traços marcantes no pesquisador-criador de Taperoá.

“Tem sido assim: a natureza é seu mundo, Taperoá, sua pátria. Faça chuva ou faça sol, um ‘beduíno errante’. Em tudo e por tudo, um permanente fazer de cultura”, escreveu Wills.

Uma das várias facetas dele foi tentar montar a *Cidade Cinematográfica de São Saruê*, uma cidade para cinema exaltando uma terra onde todos vivem felizes, um mundo de encantamento e de farturas, como narra o poema caboclo de nossa literatura de cordel, a partir de sua afinidade com os sonhos, os encantamentos do Sertão.

O escritor, poeta, ator e pintor Waldemar José Solha, que trabalhou com Balduino Lélis em alguns filmes, a começar por *Salário da Morte*, recordou que quando a equipe estava nas filmagens na cidade de Pombal,

em 1969: “O diretor Linduarte Noronha, ao lado da câmara, grita: -Ação!. Balduino Lélis – elegantíssimo no papel de juiz em *O Salário da Morte* – sai detrás da torre do relógio da Rua Nova, em Pombal, atravessa a larga avenida, fumando, pasta 007 na mão esquerda, encaminha-se para adro da Igreja do Rosário, em cujo meio-fio está sentada uma velha mendiga – elemento real no universo ficcional do filme – e, de repente, mal ele pisa na área, o tiro! Balduino põe as mãos no peito, soltando a pasta negra e o cigarro, desaba, a piola caindo e rolando pelo chão, rolando, rolando..., indo parar ao lado da esmoler, que, tranquilamente, estira a mão, apanha-a... e extrai dela uma vigoroso tragada! – Corta!, Linduarte comanda, em meio a risadeira de todos nós, atrás dele – Corta, corta, corta!!!”

## UNIVERSIDADE LEIGA DO TRABALHO: GUARDIÕES DA MEMÓRIA

Pensando na juventude que não tinha perspectiva de se profissionalizar em uma atividade, e diante do êxodo nordestino, em 1987 Balduino Lélis criou a Universidade Leiga do Trabalho (ULT), na cidade de Taperoá. Lá, os jovens aprendiam uma atividade profissional, que é repassada de uma geração para outra, pensando no momento atual e pensando no futuro.

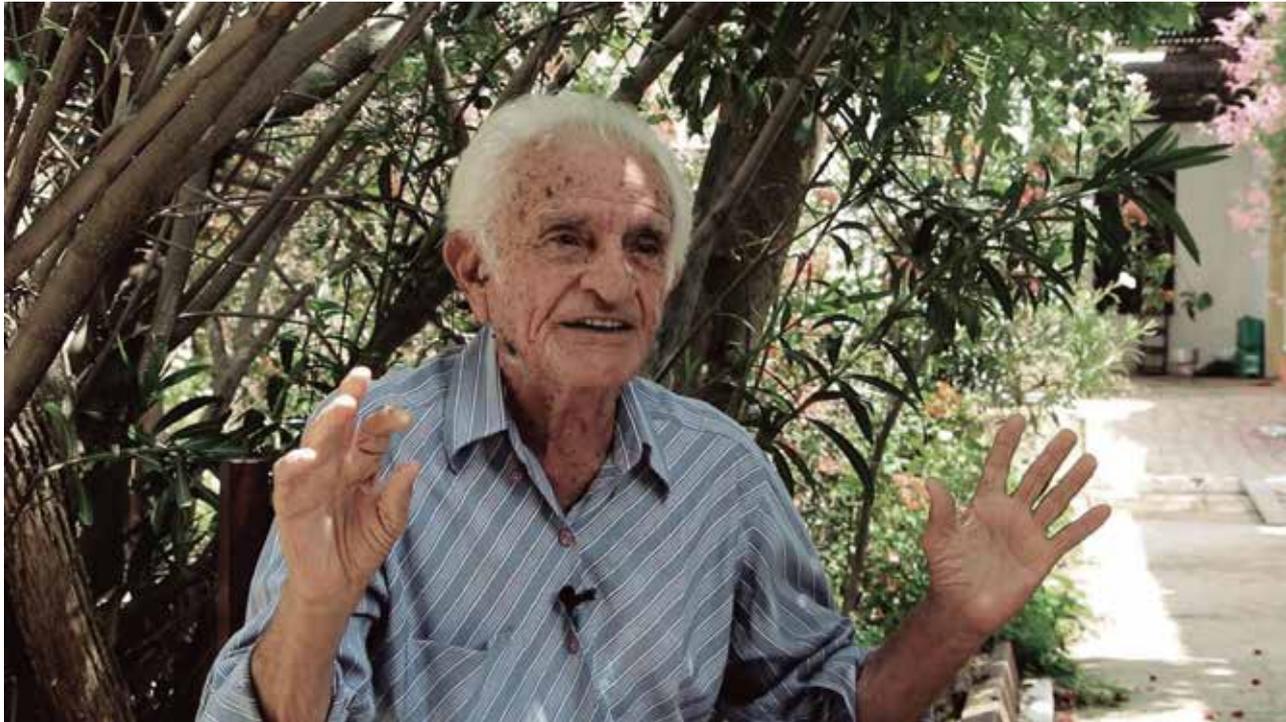
Sempre foi sua preocupação, contribuir para que os jovens pudessem ter uma profissão. “Nessa Universidade, os ofícios eram repassados de uma geração para outra e garantindo que a cultura do fazer de hoje e ontem possam acontecer no futuro”, comentou. A ULT é reconhecida pelo Ministério da Cultura como Pontão de Cultura que capacita e forma os jovens como “Guardiões da Memória”.

A Universidade Leiga do Trabalho é uma instituição sem fins lucrativos que atuou sem recursos públicos. Com a ajuda de professores voluntários e instituições correlatas, formou 586 alunos que se tornaram capazes para exercer uma profissão nas cidades onde residem.

Em Taperoá, três casas foram construídas como resultado dos cursos oferecidos aos alunos. Estes fizeram os tijolos, telhas e esquadrias, num espaço localizado no Sítio Quixaba, em Taperoá.

Para Balduino, foi um trabalho que deu bons resultados porque teve por finalidade fixar o homem a terra, o que sempre foi o maior objetivo. “É como dizem os matutos da minha terra: quem casa quer casa. E por que não ensinar a fazê-la?”, comentou certa vez.

Afora o curso de capacitação para construção da casa própria, também tem o Memorial das Riquezas da Paraíba, que tem os espaços da Sala da Imprensa Luiz Gonzaga Rodrigues e da



*Balduino: "Um museu não é um ambiente com um monte de coisas velhas. Pelo contrário: o museu representa a história viva de um povo"*

► Sala do Livro Escritor José Loureiro Lopez. Conta com a Sala de Convenções Governador Juarez Farias; o Parque da Luz e da Força Governador João Agripino Filho, Praça da Liberdade Governador Dorgival Terceiro Neto, Teatro Escola Fernando Teixeira e da Fonte da Vida Poeta Ronaldo Cunha Lima.

Também foi inaugurado o Gabinete de Estudos do Semiárido Professor José Augusto Trindade e o Auditório de Ciências do Homem Professor Ricardo Maia, "por quem eu tenho um carinho especial pelo feito da realização de um sonho que é a universidade", afirmou.

Balduino sente orgulho da Universidade Leiga do Trabalho quando alguns dos resultados: os cinco empresários bem sucedidos de Taperoá passaram pelos ensinamentos da ULT. "Isso me deixa muito orgulhoso, porque eu colaborei com a história dessas pessoas e eles sabem reconhecer o valor do aprendizado, tanto que investem para que outras pessoas possam aprender na ULT", comentou. "O que falta ao nordestino é educação para viver no Semiárido nordestino, que é o maior, mais populoso e mais chuvoso Semiárido do mundo", entende.

Recorda que boa parte dos irrigantes, que vivem às margens do Rio São Francisco, em Pernambuco, saiu da universidade criada por ele, onde aprenderam o ofício da irrigação com pouco desperdício de água a partir das ideias apresentadas dentro da ULT.

Na universidade, Balduino apresentava aos alunos que a sazonalidade do trabalho é a responsável pela dificuldade que o homem nordestino está submetido. "No Semiárido se trabalha três meses e nos nove restantes o homem não tem o que fazer, não tem nenhuma ocupação. A nossa meta é fazer com que o homem tenha a ocupação no roçado durante o inverno e outra ocupação durante o período da estiagem", lembra ele.

#### A ONÇA PINTADA

História vivida e contada tantas vezes, recontada a boca larga, sem pôr nem tirar uma vírgula, porque o protagonista foi Balduino Lélis. O conterrâneo, Dorgival Terceiro Neto, era pre-

feito da cidade de João Pessoa e desejava ter uma onça como atração no Parque Arruda Câmara. Balduino foi busca-la no Maranhão.

Munido de bernal no meio do mato, armou uma arapuca, colocou dentro um bodinho, ficando três dias amoitados com uns caboclos da região três dias esperando a presa. Capturada, acomodaram a pintada na mala de um Opala e ele voltou a João Pessoa com o animal.

Chegando, parou o veículo em frente da prefeitura, adentrou de supetão no gabinete do prefeito e, antes de qualquer reação, foi logo dizendo: - Seu animal está aí fora...

Em homenagem a Balduino Lélis, a onça passou a se chamar Badu. ❖

**José Nunes da Costa** é jornalista, escritor e diácono. É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e autor, entre outras obras, de *Lira dos 40 anos* (1994, poesias), *Ariano Suassuna* (2002, biografia), *Ascendino Leite - vida e obra* (2005, estudo crítico, em parceria com Angélica Nunes) e *O cajueiro e os cronistas* (2017, crônicas). Mora em João Pessoa (PB).

## Causa mortis

Morri de amor...  
Ah, foi do que morri, sim,  
de um amor não correspondido,  
pois, de amor, só se morre assim:  
Quando se tem o coração partido.

Morri de amor?  
Ora, morreu em mim cada fibra.  
Dentro, tudo está mesmo morto,  
nada pulsa, se agita ou vibra,  
em nada mais tenho conforto.

Morri de amor!  
Como se morre de tédio e tristeza!  
Como se morre de assombrosa solidão,  
que se excede, dando-nos a certeza  
de que não se salvou pálida emoção.

Morri de amor.  
E ainda que eu esteja neste mundo,  
já não estou inteira, completamente.  
Minha essência jaz, em coma profundo,  
num corpo vazio, de alma ausente.

Morri.

## Amar inteiro

O que nos separa – um vasto oceano,  
a profunda distância da doce saudade.  
E assim o longe divide o que é amor,  
deixando-me sozinha, pela metade.

Se o meu ansioso olhar não te alcança,  
pois o destino por querer nos afasta,  
o que eu sinto, de ti, mais me aproxima,  
para te esquecer, um mar inteiro não basta.

Se vou te rever e de novo provar teu gosto,  
não sei, mas, na esperança, eu me abrigo,  
de, um dia, mais uma vez mirar teu rosto.

E beijar teus lábios, ser tua...estar contigo.

## A vida tem de ser bela

Se me tiram do ritmo, mudo o compasso.  
Se me fecham a porta, abro a janela.  
Se me recusam o beijo, aceito o abraço.  
Se me apagam a lâmpada, acendo a vela.

Se o dia foi triste, alegre a noite.  
Se a noite foi dor, encanto o dia.  
Do chicote, do flagelo, do açoite,  
faço instrumento para uma cantoria.

Se o sol se esconde e a luz me nega,  
se a chuva que cai não me refresca,  
se no mar meu barco não navega,  
se a minha rede não é de pesca,

mudo as tintas, troco a moldura,  
escolho outras cores, inverto a tela,  
dou novas nuances à minha pintura,  
pois a vida, pra mim, tem de ser bela!



## Mahin

ILUSTRAÇÃO: TONIO



**Anne Mahin**, mineira de Cambuquira, escreve poemas e contos. Tem dois livros publicados pela Chiado Editora (*Asas do silêncio* e *O que se esconde do sol*) e um terceiro já no prelo: *Amarelo do ipê*. Participa de várias coletâneas, com publicação no Brasil, Portugal, Suíça e Moçambique. Servidora concursada do Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, reside há 36 anos no balneário de Guarapari, ES.



# Sobre uma passagem de

## A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

*Mas afinal, as chuvas cessaram, e deu uma manhã em que Nhô Augusto saiu para o terreiro e desconheceu o mundo: um sol, talqualzinho a bola de enxofre do fundo do poeta, marinhava céu acima, num azul de água sem praias, com luz jogada de um para o outro lado, e um desperdício de verdes cá em baixo – uma manhã mais que ele já pudera ver.*

*Estava capinando, na beira do rego.*

*De repente, na altura, a manhã gargalhou: um bando de maitacas passava tinindo guizos, partindo vidros, estralando de rir. E outro. Mais outro. E ainda outro, mais baixo, com as maitacas verdinha, grulhantes, gralhantes, incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um coro.*

*Depois, um grupo verde-azulado, mais sóbrio de gritos e em fileiras mais juntas.*

*– Uai! Até as maracanãs!*

*E mais maitacas. E outra vez as maracanãs fanhosas. E não se acabavam mais. Quase sem folga: era uma revoada estriando bem por cima da gente, e outra brotando ao norte, como pontozinho preto, e outra – grão de verdura -se sumindo ao no sul.*

*– Levou o diabo, que eu nunca pensei que tinha tantos!*

*E agora os periquitos, os periquitinhos de guinchos timpânicos, uma esquadrilha sobrevoando outra... E mesmo, de vez em quando, discutindo, brigando, um casal de papagaios ciumentos. Todos tinham muita pressa: os únicos que interromperam, por momentos, a viagem, foram os alegres tuíns, os minúsculos tuíns de cabecinhas amarelas, que não levam nada a sério, e que choveram nos pés de mamão e fizeram recreio, aos pares, sem sustar o alarido –*

*rrrl-rrril! rrrl-rrril!...*

*Mas o que não se interrompia era o trânsito das gárrulas maitacas. Um bando grazinava alto, risonho, para o que ia na frente: – Me espera!... Me espera!... – E o grito tremia e ficava nos ares, para o outro escalão, que avançava lá atrás.*

*– Virgem! Estão todas assanhadas, pensando que já tem milho nas roças... Mas, também, como é que podia haver um de-manhã mesmo bonito, sem as maitacas?!...*

*O sol ia subindo, por cima de voo verde das aves itinerantes. Do outro lado da cerca, passou uma rapariga. Bonita! Todas as mulheres eram bonitas. Todo anjo do céu devia de ser mulher.*

*E Nhô Augusto pegou a cantar a cantiga, muito velha, do capiau exilado:*

*“Eu quero ver a moreninha tabaroa,  
arregaçada, enchendo o pote na lagoa...”*

*Cantou, longo tempo. Até que todas as asas saíssem do céu.*

*– Não passam mais... Ô papagaiada vagabunda!  
Já devem de estar longe daqui...*

*Longe, onde?*

*“Como corisca, como ronca a trovoada,  
no meu sertão, na minha terra abençoada...”*

*Longe, onde?*

*“Quero ir namorar com as pequenas,  
com as morenas do Norte de Minas...”*

*Mas, ali mesmo, no sertão do Norte, Nhô Augusto estava. Longe, onde, então?”*

O trecho é longo, mas se faz necessária a sua reprodução, para que possamos falar sobre ela. Sabemos que “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” é um dos contos de Guimarães Rosa (Sagarana, 1946), mais lidos e

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



› estudados, competindo, lado a lado, com “A Terceira Margem do Rio” (*Primeiras Estórias*, 1962). Paulo Rónai, na apresentação que faz de *Sagarana*, disse que esse volume “já deu ensejo a análises agudas, extensivas a todos os seus aspectos; por outro lado, é desses livros em que cada leitor faz necessariamente novas descobertas”. Não é nossa intenção, portanto, fazer uma análise do conto, mas tecer um comentário sobre os elementos simbólicos constituintes da passagem acima, que se descobriram a nossos olhos. Façamos um breve resumo da narrativa.

Augusto Esteves ou Augusto Matranga ou simplesmente Nhô Augusto, conhecido pela sua brabeza e por gostar de fazer o mal pelo mal, era “duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato”. Caindo em desgraça, por conta de dívidas, a mulher, Dona Dionóra, muitas vezes maltratada, o abandona e leva consigo a filha, Mimita. O mesmo fazem os seus capangas, que se passam para o lado de um outro mandão local, o Major Consilva. Tendo ido à chácara do Major, afim de tomar satisfação, Nhô Augusto é espancado e ferrado pelos antigos empregados, sendo dado como morto, após se jogar numa ribanceira.

Tratado por um casal de pretos, mãe preta Quitéria e pai preto Serapião, Nhô Augusto melhora e só pensa em mudar de vida, obedecendo aos conselhos do padre que o confessa, levado, “muito à escondida”, pelo casal de pretos: trabalhar e rezar, porque “esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa”.

Nhô Augusto dedica-se, então, fazendo “compridos progressos na senda da conversão”, tendo como intuito ir pro céu “nem que seja a porrete!...”. Ao longo de sua caminhada, Nhô Augusto enche-se de aflições, dúvidas e desalento por não sentir que o seu trabalho estivesse dando resultado, embora se esforçasse na ajuda de quem precisava, sem esperar qualquer retribuição que não fosse ser merecedor de entrar no céu. Passam-se os dias e a visita de Joãozinho Bem-Bem, a quem Nhô Augusto arrancha, desperta-lhe a vontade de aventurar-se. Rejeitando o convite de acompanhar o famoso jagunço, Nhô Augusto empenha-se ainda mais em seu objetivo de ajuda aos necessitados, fazendo o que, naquele momento, sabia fazer melhor; trabalhar muito, rezar e falar pouco – “Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa”. Vem o período das chuvas e nem isso tira a motivação de Nhô Augusto trabalhar. Mesmo debaixo de chuva, ele se empenha o dia inteiro, cada vez mais. Até que tudo muda. Nhô Augusto já “nem pensou em morte, nem em ir para o céu; e mesmo a lembrança de sua desdita e reverses parou de atormentá-lo, como a fome depois de um almoço cheio”. A partir daí, Nhô Augusto sabia que era necessário “rezar e aguen-

▶ tar firme” diante da tentação, que andava por perto, para poder subjugar-lá. Cessam as chuvas e vem o sol. Nhô Augusto sente que é chegada a sua hora.

Começamos compreendendo que a chuva de inverno que Nhô Augusto apanhou, passando “os dias debaixo de chuva, limpando o terreiro, sem precisão nenhuma”, é essencial para ele. A chuva “lava” a culpa que atormentava Nhô Augusto, que se perdoa, e traz-lhe a perspectiva de nova vida a partir do entendimento de que não há como resistir à tentação sem que a tentação seja confrontada. O primeiro sinal dessa mudança foi “saudades de mulheres”, latejando nele “a força da vida”: “Assim, sim, que era bom fazer penitência, com a tentação estimulando, com o rasto no terreno conquistado, com o perigo e tudo.”

O sol que surge, então, com forte luminosidade, parece-lhe uma “bola de enxofre do fundo do pote”. Sabe-se que é hábito, em regiões onde não há água tratada, usar pedaços de enxofre nos potes e nas jarras, de modo a retirar as impurezas contidas na água e depois coá-la, a fim de que esteja boa para uso humano. A passagem mostra, portanto, uma relação *chuva/sol* que encontra a sua homologia em *água/bola de enxofre*: assim como a bola de enxofre tira as impurezas da água e combate fungos, o sol, depois das chuvas que lavam Nhô Augusto, seca-o e o tem limpo do mofo do passado, responsável pela sua culpa, chamando-o para a nova vida iluminada, como se verá adiante. Não é um sol qualquer, mas o sol do leste, o sol do oriente, o sol do bom augúrio da luz que traz a vida, presente ali no “desperdício de verdes”, com que Nhô Augusto se confronta.

Pelo texto, sabemos que a posição em que ele se encontra é de frente para o sol nascente, portanto, de frente para o oriente, porque o texto esclarece, mais adiante, que o sol “ia subindo”. Essa posição favorece Nhô Augusto ver de onde vêm os pás-

saros, fazendo grande barulho, seja do norte, à sua esquerda; seja do sul, à sua direita.

As aves são outro momento importante dessa passagem. O barulho e o movimento das “aves itinerantes” acordam, definitivamente, em Nhô Augusto, a necessidade de viajar, de sair, de deslocar-se em busca de sua vez e de sua hora. Os bandos de maitacas, periquitos, tuins, papagaios, todos pertencentes à mesma ordem e família de pássaros (*psitaciformes*, *psittacidae*) voam e fazem grande barulho, de modo a chamá-lo. A passagem é aliterativa e onomatopaica, característico da narrativa de Guimarães Rosa. Interessam-nos aqui, contudo, mais do que as aliterações, que revelam o barulho dos pássaros, as duas onomatopéias que surgem do vozerio das aves: o alarido dos tuins – “*rrrl-rrril!* *rrrl-rrril!*...” – e o grazinado de um bando específico de maitacas – “Me espera!... Me espera!...”.

De modo a fazer a ligação entre o personagem e o augúrio dos pássaros, esclarecemos que o nome *Augusto* vem do verbo *augēo*, *augēre*, do latim, com o sentido de “acrescentar”, “aumentar”. Do mesmo verbo vem a palavra *autor*, “o que acrescenta”, “o que aumenta”, “o que faz avançar e progredir”. É fato que Nhô Augusto acrescenta a si a sua transformação, sendo o autor de sua conversão à senda do bem. Ainda da raiz desse verbo, forma-se a palavra *augúrio*, a cujo sentido primeiro de acrescentamento, junta-se o de presságio. No mundo greco-romano, os sacerdotes praticavam a arte da ornitomania, estudando o voo, o canto e as estranhas dos pássaros, para dali ver o futuro por eles presagiado. As aves são, portanto, o augúrio que Nhô Augusto estava esperando para tomar a decisão proveniente da sua transformação. Ele vê, ouve e sabe que a sua hora está para chegar. A onomatopéia do ban-

do de maitacas, “gárrulas”, que “grazina alto risonho, para o que ia na frente”, reflete esse chamamento dos pássaros que voam para longe: “– Me espera!... Me espera!...”. Esta situação é estilisticamente memorável, pois percebemos a transformação de uma onomatopéia, que podemos chamar de uma aliteração morta, para um nível de registro que ultrapassa a tentativa de exprimir uma pobreza estilística, com a fossilização de um som, e amplia o seu sentido, no espaço da narrativa, alcançando o status de simbologia, sem o qual não se pode fruir o texto na sua profundidade.

Embora Nhô Augusto não saiba onde fica esse longe (“Longe, onde?”), pergunta-se ele duas vezes), mas o chamamento, o augúrio para que se complete o seu acrescentamento está ali. Ele se desapega de tudo, deixa a casa para os pretos que dele cuidaram e segue adiante, em busca da sua vez e da sua hora. O auge de sua conversão é a disposição de dar a vida, em defesa de um inocente, de modo a coibir uma injustiça.

Uma última palavra: Guimarães Rosa participou do concurso literário Humberto de Campos, instituído pela José Olympio, em 1938, com o volume *Contos*, que depois tomou o nome de *Sagarana*, quando de sua publicação em 1946. Naquela ocasião, Rosa ficou em segundo lugar. Teria sido coincidência o fato de ele ter usado o pseudônimo de *Viator*, viajante? Não cremos nisso. Embora Rosa, em carta a João Condé, esclareça que utilizou o pseudônimo porque deveria “começar longas viagens, logo após”, o pseudônimo está intrinsecamente ligado às narrativas do volume, todas envolvendo viagens, ainda que em flash-back, sobretudo, a maior de todas as viagens, à de Augusto Matraga ao interior de si mesmo para, para efetuar a transformação e poder ouvir o chamado da maitaca: “Me espera!... Me espera!...”. ❖

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

FOTOS: ARQUIVO A UNIÃO



# Ariano Suassuna



# Elizabeth Marinheiro

**Thélio Queiroz Farias**  
Especial para o *Correio das Artes*

**A**proveitando a pandemia do covid-19, mergulhei na leitura da obra, publicada postumamente, do grande conterrâneo Ariano Vilar Suassuna (1927-2014): *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*. Dividida em dois livros, *O Jumento Sedutor* e *O Palhaço Tetrafônico*, constitui-se num trabalho majes-

toso, profundo e inovador, uma “Revelação” no dizer do escritor Raimundo Carrero, que considera o livro do nível dos russos Dostoiévski ou Tolstói.

A grandiosa obra, conforme leciona o professor Carlos Newton Júnior, é “uma autobiografia, mas uma autobiografia deformada – deformadíssima, diríamos melhor – pelo espelho da arte, posto que é “Musical, Dançarina, Poética, Teatral e Vídeocinematográfica”<sup>1</sup>.

O livro é o testamento-literário-intelectual de Ariano Vilar Suassuna, o grande paraibano nascido no Palácio da Redenção, quando seu pai João Suassuna governava a Paraíba.

Na leitura do livro, que é misto de prosa, poesia, arte e dramaturgia, Ariano relatou inúmeras reminiscências autobiográficas, quase sempre disfarçadas de ficção, mesclando realidade e inventividade de uma forma criativa, inusitada e genial.

Suassuna chegou a confessar ao seu filho Manuel Dantas Suassuna, pouco tempo antes de falecer, tendo este relatado: “Dizia que era o livro da vida dele. Finalizou-o pouco dias antes do seu Encantamento”<sup>2</sup>.

O escritor, membro das Academias Brasileira, Pernambucana, Paraibana e Taperoense de Letras, escrevia e desenhava o livro desde de 1981<sup>3</sup> e, lembra ainda Newton Júnior, “se pudesse, Suassuna estaria até hoje reescrevendo o texto e preparando suas aulas-espetáculos. Porque a obra e o protagonista eram ele. Eis aí a mensagem do romance”<sup>4</sup>.

Ao ler o estupendo *Dom Pantero*, deparei-me com uma inesperada inspiração na última obra de Ariano Suassuna, seu inventário-intelectual: a professora Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro, a querida “Betinha”. Mestreira eminente, premiada escritora<sup>5</sup>, professora emérita da Universidade Federal da Paraíba, fundadora da Academia de Letras de Campina Grande, ocupante da cadeira 20 da Academia Paraiba-

<sup>1</sup> No prefácio do *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2017.

<sup>2</sup> Revista Istoé n. 2505, 15/12/2017, título da reportagem: “A palavra quase final de Ariano”.

<sup>3</sup> O livro contém inúmeras obras de arte, feitas pelo próprio Ariano e por sua esposa Zélia, seu filho Manuel, Alexandre Nóbrega e J. Borges.

<sup>4</sup> Revista Istoé n. 2505, 15/12/2017, título da reportagem: “A palavra quase final de Ariano”.

<sup>5</sup> Recebeu, só da Academia Brasileira de Letras, dois prêmios: o “José Veríssimo”, com a obra “A Bagaceira: uma estética da sociologia”; e o “Silvio Romero”, com “Vozes de uma Voz”.

na de Letras há mais de quarenta anos e membro-titular do Pen Club do Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Ariano transpôs para o seu livro-espetáculo-herança, os simpósios de literatura que Elizabeth Marinheiro realizou de 1977 até 1996, em sua cidade natal, Campina Grande, na Paraíba, levando para a Serra da Borborema os principais nomes da literatura brasileira e internacional, inclusive o próprio Suassuna, que participou, em várias oportunidades, dos debates literários na cidade rainha da Serra da Borborema. Ficaram conhecidos como “os Congressos de Campina”, que além de Congresso Literário, tinham vários outros programas como os Seminários Internacionais de Língua e Literatura; os Simpósios de Estudos Portugueses; os Encontros Campinenses de Semiótica e os Conclaves de Literatura Nordeste. O poeta Ildásio Tavares<sup>6</sup>, em artigo publicado na Tribuna da Bahia, intitulado “Campina Grande, Kafta e o acento no ó”, lembrou:

“Elizabeth organiza o mais monumental congresso do Brasil, do alto dos 600 metros de Campina Grande, terra de Augusto dos Anjos. Como aqueles doces 3 em 1, goiabada, marmelada, pessegada, o seu congresso tem dois de literatura e um de semiótica acoplados, e todo o mundo que interessa na cultura já esteve lá, pasmem, até o próprio Roland Barthes. Professores, pesquisadores, escritores, críticos, ensaístas de todas as universidades brasileiras, de inúmeras universidades europeias, americanas, latino-americanas, se duvidar da Ásia e África se reúnem na altaneira cidade de ameno clima e gente acolhedora.

Um congresso (perdão, três) de deixar Kafka no chinelo.”<sup>7</sup>

Os simpósios e congressos literários realizados sob a batuta da maestrina Marinheiro foi transformado no “Simpósio Quaterna”, realizado a partir de 9 de outubro de 2000, data na qual completou 70 anos do assassinato do seu pai na rua Riachuelo, no Rio de Janeiro, atingindo pelas costas por um pistoleiro a mando do tenente-coronel Aristarco Pessoa, em suposta vingança pela morte do seu irmão, sucessor de João Suassuna no governo paraibano, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

No seu testamento-literário, Ariano substitui Campina Grande por Taperoá, e mantém, no Simpósio, as discussões sobre literatura ocorridas nos conclaves “elizabethanos”, tanto que, da mesma forma que os congressos campinenses, o espelhado/retratado no livro *Dom Pantero* é um conagraçamento de artistas locais com escritores, músicos, poetas, intelectuais e dramaturgos, asseverando:

“Além de Críticos e Professores-de-Literatura, as Universidades que apoiavam o evento tinha mandado, a Taperoá, Músicos, Atores, Bonecos e Dançarinos que, juntando-se aos Artistas locais, iriam tornar mais festiva a celebração.”<sup>8</sup>

N’outro momento, Ariano parece transcrever palavras de Elizabeth Marinheiro, com seus conhecidos alertas de cumprimento das regras estatutárias dos simpósios, ao fazer constar:

“...solicitamos que as intervenções, além de breves, se atenham ao mais absoluto rigor crítico. Somente as-

sim este Conclave deixa de ser uma reunião comum...”<sup>9</sup>

Participantes dos congressos de Campina Grande passam a ser personagens da escrita de Ariano Suassuna, como Bráulio Tavares, Ângela Bezerra de Castro, Astier Basílio, Lígia Vassalo, Luiz Carlos Vasconcelos, Vladimir Carvalho, Antonio Nóbrega e a própria Elizabeth Marinheiro que, na página 695 do livro, indaga sobre a pretensão inicial do escritor paraibano de lançar o livro numa data especial, conforme se vê no diálogo:

“DOM PANTERO

Eu? Pelo contrário! Por mim, mesmo que o Simpósio se conclua antes, só entre 8 de Março de 2014 e 23 de Abril de 2016 é que começarei a publicar as Cartas planejadas por Tio Antero e que deverão configurar o Romance que ele me mandou fazer como se fosse uma verdadeira Missão, a mim confiada em seu leito de morte. Pensei, inclusive, em adiar este Simpósio, inaugurando-se somente em 19 de Janeiro de 2005!

ELIZABETH MARINHEIRO

Por que exatamente nesta data, Mestre?

DOM PANTERO

Primeiro, porque foi em 19 de janeiro de 1886 que nasceu o Cavaleiro. Depois, porque em 19 de Janeiro de 2005 estarão se completando 400 anos da publicação de Dom Quixote, uma das obras-padroeiras deste Simpósio, e eu queria, com esta gloriosa Festa, prestar também a minha homenagem a Cervantes.”<sup>10</sup>

Suassuna e Marinheiro desfrutaram de uma longa amizade e respeito-intelectual mútuo. Elizabeth foi a primeira crítica literária a analisar o ousado livro de Ariano Suassuna, *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, publicado em 1971. Em tese apresentada para

<sup>6</sup> Ildásio Tavares (1940-2010) foi romancista, novelista, poeta e compositor nascido em Gongogi, região do cacau da Bahia. Publicou poesias e teve 46 músicas gravadas por nomes como Vinicius de Moraes, Maria Bethânia, Alcione, Toquinho, Nelson Gonçalves e Maria Creuza.

<sup>7</sup> Tribuna da Bahia, terça-feira, 27 de setembro de 1994.

<sup>8</sup> In Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores, Vol. II, ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2017, P. 541.

<sup>9</sup> Ob. cit., p. 572.

<sup>10</sup> Ob. cit., p. 695.

► o concurso de Livre-Docência de Teoria Literária, no Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a Dama-da-Literatura de Campina Grande, apresentaria o tema *A Intertextualidade das formas Simples (Aplicada ao Romance D'A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna*, obtendo, com louvor, o título de Doutora em Letras.

Sobre o trabalho de Elizabeth Marinheiro, o poeta goiano Gilberto Mendonça Teles, anota com sapiência:

“... Mas é certo que, em linhas gerais, o seu estudo sobre *A Intertextualidade das formas simples*, aplicado à análise dos principais elementos da estrutura de *A Pedra do Reino*, vem trazer inegável contribuição à bibliografia da moderna crítica brasileira. A professora de Campina Grande soube muito bem combinar as teorias semiológicas de Julie Kristeva com as formas etnológicas isoladas por André Jolles, e encontrou no romance de Ariano Suassuna o campo ideal para este tipo de investigação literária.

... ela soube selecionar, analisar e pôr em evidência os mais importantes traços semânticos da linguagem de *A Pedra do Reino*. Compreendendo a importância estruturadora das formas simples e vendo nelas o veículo de comunicação entre o texto e o extratexto, vale dizer, o seu universo ideológico, a professora Elizabeth Marinheiro conduziu as suas investigações na direção da História, dando assim um passo importante para tirar a crítica brasileira do seu impasse puramente estruturalista, no pior sentido que tomou esta palavra entre nós.

Como estudiosa da filosofia da linguagem, Eliza-

beth Marinheiro conhece os silêncios e desenganos que entretêm o jogo manifesto da expressão, e sabe fundar na linguagem o seu reino, a sua morada, além da qual nada mais se conta, a não ser, como ela mesmo diz, “O silêncio calando no entretexto”.

A partir do primeiro trabalho de crítica, o *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* se consagraria como obra-prima da literatura nacional, pavimentando a entrada de Ariano Suassuna, por aclamação, na Academia Brasileira de Letras, realizando o sonho de Quaderna, protagonista do romance ambientado nas famosas pedras localizadas na fronteira dos Estados da Paraíba e de Pernambuco, dois lados da moeda na vida do “Dom Quixote arcaico”, como muito chegavam a adjetivar o escritor criador de João Grilo e Chicó. A professora campinense também participou da banca que apreciou a tese de livre-docência “*A Onça Castanha e a Ilha Brasil – Uma reflexão sobre a Cultura Brasileira*”, que outorgou à Suassuna o título de Doutor, posteriormente publicada pela editora da Universidade Federal de Pernambuco (1976).

Aliás, numa das tantas vezes que esteve em Campina Grande, para proferir conferência de abertura do Curso Permanente de Teatro criado por Elizabeth e, na mesma ocasião, receber homenagem da Universidade Estadual da Paraíba, à época dirigida pelo lendário Reitor Itan Pereira, na qual também foi saudado pela professora Marinheiro. À noite, Elizabeth e seu esposo, o doce médico João Marinheiro, ofertou um jantar ao casal Ariano-Zélia, com a presença do Magnífico Reitor da UEPB e da cúpula intelectual paraibana. Para surpresa de Ariano, que ficou encantado, a ceia foi servida ao estilo armorial, misturando o popular e o eru-

dito: panelas de barro serviam feijoada e carne de sol e finas porcelanas de *Limonges* serviam camarão e lagosta. Com evidente felicidade, Ariano, como o “palhaço tetrafônico” do livro de Dom Pantero, praticamente não deixou ninguém falar, dominou a noite, mesmo diante dos beliscões de sua amada Zélia, tendo a tertúlia, sem que ninguém sentisse o tempo, invadido a madrugada campinense.

A obra imaterial de Elizabeth Marinheiro - que são os seus congressos literários -, eternizou-se na história e influenciou centenas de pessoas, como o que escreve este trabalho, que, estudante do Curso de Direito da Universidade Estadual da Paraíba, ia assistir as conferências de grandes nomes como Eduardo Portella, João Cabral de Melo Neto, Gilberto Freire, Edson Nery da Fonseca<sup>11</sup>, Francisco Weffort, Jorge Amado, Josué Montello, Moacyr Scliar, João Gilberto Nool, Thiago de Mello, Silviano Santiago, Afonso Romano de Sant'Anna, Nélida Pinhão, José Guilherme Merquior e Carlos Nejar, que vinham a Campina Grande atendendo ao convite de “Betinha”, ou como o grande Ariano Vilar Suassuna, um dos maiores escritores da história do Brasil.

A influência de Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro, de tão relevante, terminou imortalizada no livro-testamento *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, que mistura o talento de Ariano Suassuna “nos seus continentes imaginários, nas suas angústias, esperanças e alegrias”<sup>12</sup> e as lembranças mais marcantes de sua notável existência.

Se o Brasil se curva diante da obra gigantesca de Suassuna, cabe a nós, paraibanos, colocar Elizabeth Marinheiro no pedestal de Dama-Rainha da Literatura do Estado da Paraíba. ✦

**Thélio Queiroz Farias** é advogado militante. Possui 15 livros publicados. Membro da Confraria dos Bibliófilos do Brasil (CBB) e da União Brasileira de Escritores (UBE). Ocupa a cadeira 23, da Academia de Letras de Campina Grande e a cadeira de Pedro Américo, no Instituto Histórico de Geográfico de Areia-PB.

<sup>11</sup> Apaixonado por livros, fundador da Universidade de Brasília (UNB), foi grande amigo de Gilberto Freire. Era especialista em Manuel Bandeira e, amigo dos meus pais, sempre se hospedava na nossa casa para assistir os “Congressos de Betinha”, como ele falava.

<sup>12</sup> Nogueira, Maria Aparecida Lopes, na quarta-capa do vol. II de Dom Pantero.

# 'O Reino, a Colônia e o Poder'

UMA BELA CONTRIBUIÇÃO  
PARA A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

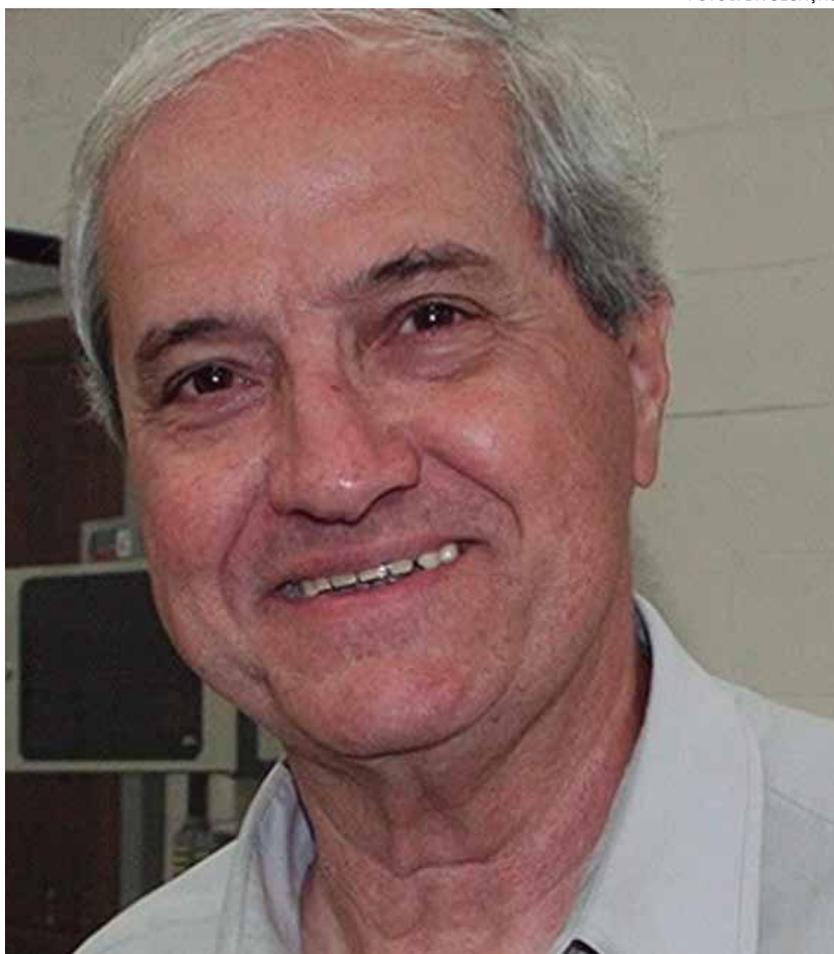
**Waldecy Tenório**  
Especial para o *Correio das Artes*

**V**ocê apanha o livro, folheia as páginas, observa o trabalho de edição, olha as fotografias que ilustram o texto, volta, lê o título, procura o nome do autor e descobre quem é. Jornalista, doutor em Le-

tras, historiador com notável contribuição à historiografia brasileira e prêmios recebidos de diversas instituições, entre as quais a Academia Brasileira de Letras. Enfim, você abre o livro, começa a ler e se vê transportado ao século 18 para participar de um pedaço da história da capitania de São Paulo.

O personagem central da história, que está no subtítulo, é d. Bernardo José Maria da Silveira e Lorena (1756-1818), ou simplesmente Lorena, que governou a capitania entre 1788 e 1797. Mas por quê preocupar-se com esse período da história de São Paulo e dedicar a ele as 400 páginas de um livro bem documentado e bem escrito? O autor responde logo na introdução, na primeira página: Porque não tínhamos ainda nenhuma pesquisa mais aprofundada sobre esses nove anos do governo Lorena, decisivos para o desenvolvimento da capitania. A curiosidade do leitor se aguça. Deci- ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



*Adelto Gonçalves e a capa de 'O Reino, a Colônia e o Poder', livro que se debruça sobre o governo de Lorena em São Paulo*



▶ sivos, como e por quê?

Ao chegar a São Paulo, Lorena se debruçou sobre os problemas que afetavam a capitania, detectou suas necessidades e traçou um programa de ação para enfrentá-los. Eram muitos os problemas. O primeiro envolvia o porto de Santos que então vivia em ruínas. Era necessário, pois, reconstruí-lo e equipá-lo. Mas isso não bastava. Era preciso abrir um caminho para ele. Do contrário, como escoar a produção de arroz, algodão, aguardente de cana, café, couro, madeira, açúcar?

Começa, então, a abertura do caminho para Santos. Era uma trilha difícil de ser percorrida: barrancos, árvores tombadas, terrenos alagados, escorregadios, buracos; em alguns lugares, mata fechada. Só os índios conseguiam passar por ali, e nem sempre. As mulas, carregadas de mercadorias, escorregavam, caíam, despencavam em abismos.

O que faz Lorena? Junta recursos disponíveis nos cofres da Corte e dos comerciantes e começa o que mais tarde se chamaria de “a Calçada do Lorena”. Teve êxito? O mineralogista inglês John Mawe (1764-1829) que, em 1807, fez uma viagem de Santos a São Paulo, resumiu assim o seu entusiasmo: “Poucas obras públicas, mesmo na Europa, lhe são superiores, e se considerarmos que a região por onde passa é quase desabitada, encarecendo, portanto, muito mais o trabalho, não encontraremos nenhuma, em país algum, tão perfeita”.

Não foi só essa, claro, a contribuição de Lorena para o desenvolvimento da capitania. Mais tarde, a lei do porto único seria outro fator importante. E o mais jovem capitão-general a governar São Paulo teve de empregar toda a sua habilidade política para contornar os problemas que po-



*A Calçada do Lorena: obra feita para escoar a produção que trafegava pelo porto de Santos (SP)*

deriam ameaçar o êxito de seu plano de governo.

Um deles, o conflito entre os interesses econômicos de comerciantes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Outro, as disputas políticas envolvendo inclusive o clero sobre, por exemplo, o lugar que essa ou aquela autoridade podia ocupar nas procissões. Isso hoje nos diverte um pouco, mas era uma questão importante para a sociedade da época.

Por trás disso, outro problema, uma velha conhecida nossa, a corrupção e o consequente enriquecimento ilícito punham em risco o bom desempenho administrativo do governo. Se você mergulhar nessa história, vai encontrar os antepassados de gente que ainda hoje conhecemos bem: políticos desonestos, bajuladores, espertalhões, corruptos.

Por tudo isso, *O Reino, a Colônia e o Poder: O Governo Lorena na Capitania de São Paulo 1788-1797* é uma bela contribuição de Adeldo Gonçalves para a historiografia brasileira. Digo isso sem receio de estar caindo em exagero ou no “afã lou-

vaminheiro” dos partidários de Lorena. Essa afirmação tem o apoio de dois pesos-pesados dos estudos históricos, Carlos Guilherme Mota, professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), e o britânico Kenneth Maxwell, professor aposentado da Universidade Harvard/EUA. ✦

## SERVIÇO

**O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797, de Adeldo Gonçalves, com prefácio de Kenneth Maxwell, apresentação de Carlos Guilherme Mota e fotos de Luiz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 408 páginas, R\$ 70,00, 2019. Site: [www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br)**

**Waldecy Tenório** é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e autor de *O amor do herege: resposta às 'Confissões de Santo Agostinho'* (Editora Paulinas, 1986), *A bailarina andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral* (Ateliê Editorial, 1996), *João Alexandre Barbosa: o leitor insone* (Edusp, 2007), organizador em coautoria com Plínio Martins Filho, e *Escritores, gatos e Teologia* (Ateliê Editorial, 2014). E-mail: [waldecytenorio@uol.com.br](mailto:waldecytenorio@uol.com.br)

## animal planet

o cão pra que lado abane o rabo quer dizer uma coisa e outra

a barata aguenta sessenta e poucas vezes  
o próprio peso

na zebra leites de rios  
afluentes ao negro

## telhado

gatos no cio sob o  
sinal  
da sky tv

miauê

## lima barreto

zico  
entre outros  
não tem uma copa do mundo  
azar o dela

você um dos poucos  
da cadeira sentou-se à espera

não via que o fardão é menos que um fraque do major policarpo quaresma?

## lição

no que lavra a pasta cinza, duro o pedreiro se escora;  
enxágua na testa o dedo, de si ao cinza incorpora. a  
enxada (que abrindo a massa) cita joão cabral e traça  
sempre de dentro pra fora.

## amancebo

cum cão de casa morto de velho morrem anos de vigília e o cartão de vacina do centro de zoonoses

o cão de casa morto de velho onde enterrar se não temos quintal?

num novo cão de casa de nome e cor novos que como o velho coma  
sacos de pão de caixa mofado

## sala de espera

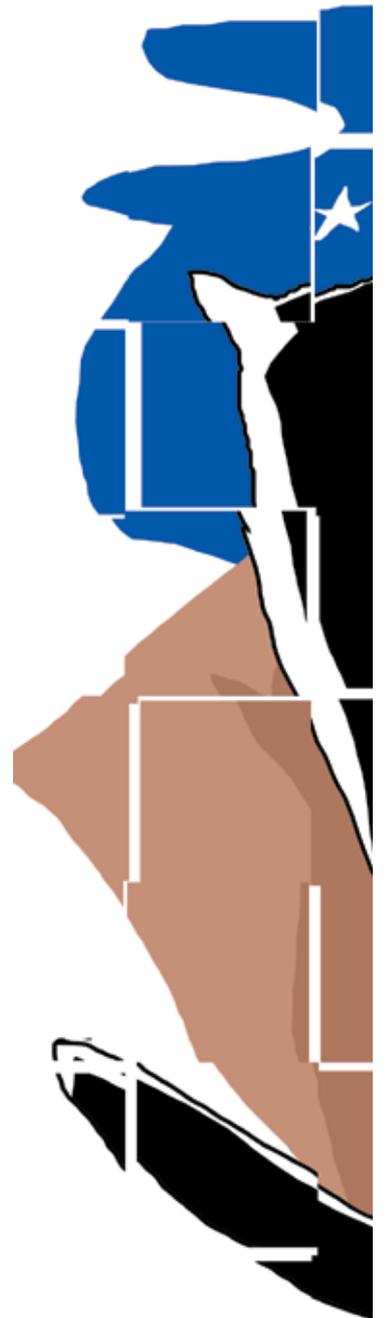
mães só mães

nos colos ímãs bebês babões  
brotinhos brotoejantes

ridículos nomes bíblicos  
eli levi devir

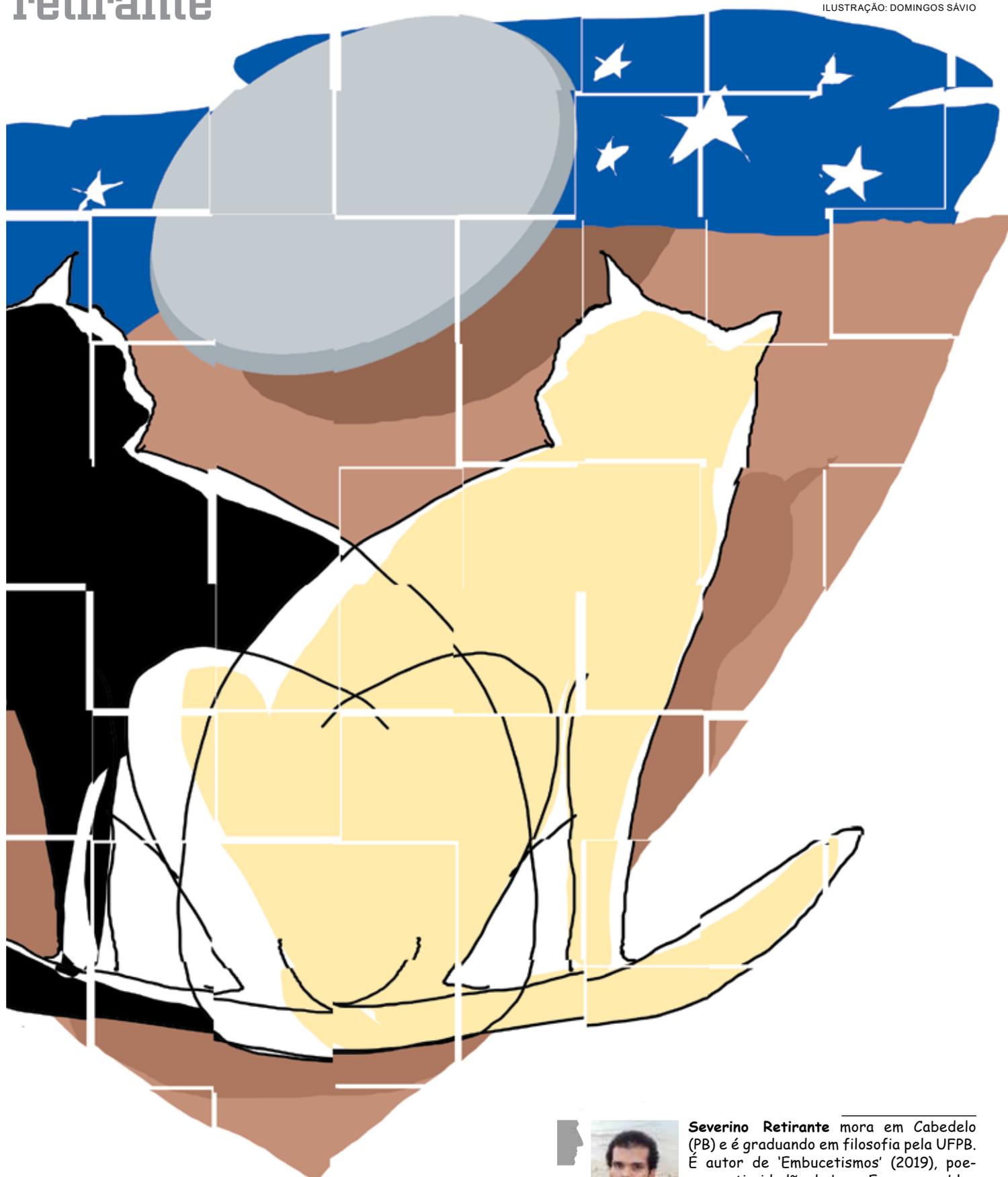
mas

inda se faz fi  
como antes



## retirante

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



**Severino Retirante** mora em Cabedelo (PB) e é graduando em filosofia pela UFPB. É autor de 'Embucetismos' (2019), poemas anti-cidadão de bem. Escreve no blog Afrorismos ([medium.com/@afrorismos](https://medium.com/@afrorismos)) sobre literatura produzida por negros. Contato: [sretirante@gmail.com](mailto:sretirante@gmail.com)

# Que saber é esse?

**Anelito de Oliveira**

Especial para o *Correio das Artes*

Quando publicou seu primeiro livro de poemas em 2003, *Barrocidade*, Amador Ribeiro Neto, paulista de Caconde, dedicado em João Pessoa desde 1991, já era conhecido e admirado como um dos mais importantes pesquisadores da obra de Caetano Veloso e sensível crítico de poesia. Os poemas que publicou na antologia *Na Virada do Século*, organizada por Cláudio Daniel e Frederico Barbosa para a Landy em 2002, constituíram uma “avant première” para uma poesia desejosa – não saudosa – de “avant garde”, de se concretizar como objeto dinâmico, movimento vivo.

O segundo título publicado pelo autor depois de longos 12 anos, já em 2015, o “futurista” (ressoando Álvaro de Campos) *Ahô-ô-ô-ô-oxe*, foi uma espécie de

“tuitaço” artesanal, publicação aparecida em Florianópolis pelo selo Cartonera, anunciando o seu novo livro: *Poemail*, uma coletânea de poemas que agora sai pela Patuá.

A experimentação de linguagem, desarticulações e rearticulações do código verbal, é o traço que primeiro salta à vista numa poesia que se coloca abertamente no horizonte do Concretismo e das outros tantos “ismos” do passado.

Elucidar essa relação, num exercício de crítica intertextual, é importante, sem dúvida, num momento em que questões externas, sobretudo a questão de gênero e da mediação, sobrepõem-se muitas vezes de modo grotesco a questões internas, que dizem respeito à mecânica mesma da poesia. Todavia, o reconhecimento da relevância do gesto de Amador depende da qualificação dessa relação, da explicitação dos seus índices de autenticidade, de tal modo que possamos perceber um “intercessor” (Deleuze) dos “ismos”, que acrescenta dados ao repertório já convertido em tradição literária, não um mero emulador desses “ismos”.

Em consonância com o Concretismo, a poesia não é, para o poeta de *Poemail*, uma questão de verso, mas uma questão de fazer, que pressupõe trabalho, racionalização, construção e, antes de mais nada, um saber. Que saber é esse? Este é o ponto fulcral, eu diria, que é preciso tensionar, tentar elucidar,

sabendo, de antemão, que não é tarefa fácil, sobretudo em razão do fato de que estamos diante de um poeta “savant”, não de um criador de poemas espontâneo, movido pela famigerada inspiração.

Toda a primeira parte de *Poemail*, denominada “Elos”, decantando poetas, críticos e prosadores, atesta não apenas uma rede de relações intertextuais – dado previsível –, mas um “modus operandi” do saber letrado, cuja particularidade consiste num dobrar-se, num volver sobre si mesmo: “livros nos devolvem quem somos / : o avesso / do / nada / de / novo / a / o avesso” (A morte e os livros).

Ao contrário de grande parte dos poetas ditos cultivados, que ainda hoje percebe a relação com a poesia a partir de um preceito beletrista herdado do século XIX, Amador Ribeiro Neto encontra nos livros – de poesia, no sentido genérico de “poiesis”, de criação – uma possibilidade de saber de

si – e, concomitantemente, saber do outro.

Seu gesto poético, como já o demonstra desde o



FOTOS: EDSON MATOS

*Amador: para o poeta de 'Poemail', a poesia não é uma questão de verso, mas uma questão de fazer, que pressupõe trabalho, racionalização, construção e um saber.*

FOTO: EDSON MATOS

▶ turbulento *Barrocidade*, não é narcísico, autocomplacente, mesmo quando se empenha em falar do sentimento de pai diante da morte trágica de um filho. Vejamos já, para exemplificar este aspecto, o que se passa no belo “Meu jovem filho”, um dos momentos viscerais de *Poemail*: “quisera eu cosê-la / (a natureza) / a navalhadas / e punhaladas / foices / e facadas / enxadadas / e machadadas / sová-la / e sová-la / até devolver / -me / intacta em sua alegria / de mil sóis / a vida / de meu / jovem / filho”.

Esse poema, ao lado de outros em que o poeta atém-se a eventos dolorosos, como depressão e suicídio, figura na terceira e última parte de *Poemail*, denominada “Dentros”, precedida por “Sítios” e a já citada “Elos”.

Saber de si, adentrar-se, dobrar-se, coloca o poeta numa situação de enfrentamento brutal da natureza, em que reluz uma verdade experienciada, com sabor de agonia, que tem sido sistematicamente evitada, quando não censurada, desde os anos 1990 na poesia brasileira em nome (quem sabe?) de uma saúde institucional, acadêmica, do campo literário.

O movimento – corajoso – que “Meu jovem filho” realiza é compreensível à luz do que Foucault explora n’*A Hermenêutica do Sujeito*: a perspectiva socrática do conhecer a si mesmo consiste num despertar da interioridade como esfera incômoda, cuja imagem é a de um animal acometido por um tavão, o inseto que produz uma coceira terrível, um mal-estar no corpo.

## QUESTÃO DE HONRA

Nascido em 1953, Amador Ribeiro Neto tinha 11 anos em 1964, quando os militares tomaram cinicamente – tal como tem acontecido no país de 2016 para cá – o poder, investindo na demonização da democracia e instaurando, a partir de 1968, um “estado de exceção”, com a negação de direitos fundamentais, a começar pela liberdade de expressão.

Tendo vivenciado as agruras daquele cenário, Amador pertence à geração que teve no incômodo, na insubordinação, no “desbunde”, como se dizia nos anos 1960 e 1970 ao ritmo da contracultura, uma questão de honra, um índice de resistência ao Estado repressor.

O fato de sua poesia ter começado a aparecer em livro somente em 2003 não pode constituir estímulo

para leituras agora, presentistas, convenientes, pautadas apenas em valores teórico-críticos considerados atuais. Evidente que, como Murilo Mendes se via, o poeta de Caconde não é seu próprio sobrevivente, mas seu próprio contemporâneo – com toda a complexidade que este conceito implica, todavia.

Ainda à luz do modo inquietante como Foucault repensa a subjetividade, é possível dizer que o tavão de Amador – e de todos os marginais, alternativos, vanguardistas da sua geração – é a ditadura militar, o “Estado de exceção”, que provoca ânsias rimbaudianas de desregramento de sentido, ataques de “beat generation”.

*Poemail* nos permite perceber uma espécie de passo a passo desse processo no âmbito específico de uma poética: os “elos” autorais, os “sítios” habitados, os “dentros” acessados.

O que conta nesse processo, segundo essa ordenação, é, em primeiro lugar, o nível discursivo, a representação, a “realidade de signos”, para lembrar Haroldo de Campos, uma das referências estruturantes do poeta em Amador, ao lado de Caetano Veloso e, como *Poemail* o revela agora, João Cabral. Em segundo lugar, contam nesse processo duas geografias – a paulista e a paraibana. E, em terceiro lugar, conta a vida vivida, a experiência nua e crua de existir, afeto familiar, doença, morte – e a alegria!

De fato, é a alegria que, como assinala o poeta Ronald Polito no prefácio a *Poemail*, desponta como fatura geral, ponto luminoso da geléia, nesse livro que é tão século 21, afim da internet, hipertextual, rizomático, quanto modernista, generoso com as brasilidades, as feiras, as malícias, os altos e baixos, as contradições cotidianas de um país transbarroco. A “alegria é a prova dos nove”, como sentenciou Oswald, mas não só isso; é um torquatiano porto seguro, mas também não só isso; é uma caetânica auto-afirmação sobre os podres poderes circundantes, mas algo que também vai mais além disso.

A alegria de Amador é uma alegoria, para lembrar Celso Favaretto lendo a Tropicália, do processo de desregramento de sentido como processo de barroquização,

que pressupõe uma compreensão da matéria de poesia – temas, eventos, sensações, experiências, signos diversos – como algo modulável, dobrável, variável. Trata-se de uma alegria que resulta de um saber sobre si mesmo como objeto comunicante, espécie de “eumail”.

Toda a autenticidade desconcertante que atravessa *Poemail* se deve, sem dúvida, a uma perspectiva sobre a alegria, esse controverso capital nacional, muito próxima àquela concebida pelo poeta e psicanalista mineiro Hélio Pellegrino, um dos maiores poetas-sabedores do país, numa crônica que é uma obra-prima, hoje constante do seu *A Burrice do Demônio*, coletânea organizada pelo jornalista Humberto Werneck.

“Toda alegria longa e autêntica – é severa”, diz Hélio, “o que não impede que a alegria seja leve, e tenha gosto de vinho.” Essa crônica se chama “A construção da alegria”. Ainda no início desse belíssimo poema em prosa, diz o autor de alguns dos versos mais pungentes de sua geração, reunidos pelo mesmo Werneck no volume *Minérios domados*: “Constrói-se a própria alegria como quem constrói um barco: com ferramentas difíceis”.

Realmente, não são fáceis as ferramentas com as quais Amador Ribeiro Neto constrói o seu barco-alegria. Poemas como “Ensimesmado” (“cada dia / entendo / mais & mais / profundamente / o som / surdo / dos / suicidas”), “A cerca da dor” (“a dor / corrói o metal dos edifícios”) e “Invocação das dores” (“largar livros / leituras / escritas / todo / & / qualquer / texto / para que / adentrem / angústias / desgraças / flagelos”), todos pertencentes aos “Dentros” de *Poemail*, dão a precisa dimensão existencial dessas ferramentas, desvelando a razão da particularidade “ivre”, bêbada, por isso mesmo humana, frágil, sensível, do barco do poeta.

O artifício vanguardista, atualizado em clave concretista ou barroquizante, articula-se, nessa poesia, de modo produtivo a uma substância sempre tensa, agitada, transbordante, que não aspira apenas à leitura fria, mas a um envolvimento corporal, dançante, cantante, com o leitor. O *Poemail* do poeta do barco-alegria grita, como o Cazuzu de “Boas novas”: “Então vamos pra vida!”. ✦

**Anelito de Oliveira**, ex-editor do Suplemento Literário de Minas Gerais, é doutor em literatura brasileira pela USP e autor de *O iludido* (Páginas, ficção), *Traços* (Patuá, poemas) e *A aurora das dobras* (Inmensa, ensaio), entre outros.

# A poesia de Terêza Tenório

**André Cervinskis**  
ESpecial para o *Correio das Artes*

**T**erêza Tenório (1949-2020) é uma das representativas vozes femininas da Geração 65 de Pernambuco. Sua poesia mítica e feminina teve seus primeiros poemas publicados pelo poeta César Leal no Suplemento Lite-

FOTOS: DIVULGAÇÃO



*Representante pernambucana da Geração 65, Terêza Tenório faleceu no dia 7 de junho em Recife (PE), em decorrência do Mal de Alzheimer*

rário do Diário de Pernambuco. Publicou oito livros de poesia, entre os quais *Poemacese*, prêmios de 1985 da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. Teve indicação para participar da mostra realizada no Porto e no Valongo, em 1994, através do Projeto Cumplididades dos Governos de Portugal e do Brasil.

É importantíssimo o resgate para as gerações atuais e futuras dos livros de Terêza Tenório que, na opinião de diferentes críticos, a quem nos referiremos adiante, representa um dos mais fortes expoentes da literatura feminina em Pernambuco. Dona de uma poesia, ao mesmo tempo mítica, feminina e repleta de reflexões entre o melancólico e o metafísico, Terêza Tenório estabelece relações peculiares entre os arquétipos universais de mãe e amante e reinventa o conceito de lirismo, valorizando a palavra no contexto poético, através de imagens interessantíssimas: “Não morrerei de amor embora/ eu tenha para sempre a alma vazia” (Tenório, 1985 p. 20); “O círculo de sonho se alongou/ do pássaro estrangeiro até o presente/ levando tua figura, Galahad/ para o encontro marcado pelo tempo” (Idem, p. 36).

Recebeu da crítica diversos elogios, dos quais destacaria Carlos Drummond de Andrade: “A intensa melodia de Poemacese, tão rico em sugestões de vida e beleza, causou-me duradoura impressão” (apud Tenório, 1985, orelha); e César Leal: “Sua poesia se caracteriza por uma fuga ao lugar comum, aos velhos processos expressivos, sem, contudo, chegar ao extremismo das vanguardas mais sofisticadas” (Idem).

Além dessas peculiaridades apontadas pelos críticos, ressaltamos o caráter mitológico de sua poesia, assim nos revela Lucila Nogueira: “E Terêza não quer menos do que um poema que ultrapasse as fronteiras da ▶

► morte, como a cabeça de Orfeu cantando decepada. Faz de seu verso um mapa iniciático. O fio reto da linguagem numa poesia visionária que busca a fala anterior à fala, o som subterrâneo sob o véu das imagens na dimensão crepuscular da fábula” (Tenório, 1998, apresentação). Como podemos perceber, através dessa pequena citação, o imaginário da poeta é repleto de mitos de diferentes culturas – vikings, greco-romana - tornando sua obra rica porque profundamente trabalhada em cima de culturas de diferentes povos que formam hoje nosso mundo globalizado. Demonstra, portanto, que a poesia pode e deve dialogar com diferentes culturas, saindo de certos provincianismos, mas se perdem suas raízes identitárias. É isso que percebemos nos seguintes versos de *Poemaseso* (1985):

Deram-me os negros  
anéis da morte/ e o lodo  
azul do leito do rio. Deram-  
me então o rosto fantástico/  
e um corpo alado que  
submergiu/ Busquei à noite  
imagens estranhas/ de pe-  
dra nua – ícones sombrios/  
velhos ritos de fertilidade/  
ora apodrecem dentro do  
rio (Tenório, 1985, p. 106)

Górgona, quem sabe/ se  
alimentas serpentes nos  
cabelos/ veneno no hálito/  
garras nas extremidades  
das mãos de pássaro/ som-  
bria druidesa alada serpen-  
te/ Melusina/ traz-me-ás  
então a morte/ o desespero/  
ou porventura serás Anjo  
e tens a sagrada lâmpada/  
aceso farol eterno/ hierático  
e metafísico mistério?/ No-  
turno sobre o lago/ as clás-  
sicas manhãs/ Quantas, sob  
o céu límpido/ de tons ru-  
bros e azuis? (Idem, p. 115).

Desse modo, a poeta assume a voz do mito feminino Lorelai (título do primeiro poema citado) e fala em terceira pessoa do misterioso e fatídico encanto da Medusa/Górgona. Referências a mitos bretões também são contemplados nesse livro, a exemplo de “Galahad”, “Carnac” e “Cen-



Terêza, em foto dos anos 1960: poeta deixou oito livros, entre eles o premiado *Poemaseso*

táurea”. Assim, há em Terêza uma atenção especial, uma busca dos temas mais caros à humanidade, como o amor, a amizade, a motivação para existência e mesmo as fragilidades humanas, expressas por meio de uma contemplação solitária:

Esta é uma noite de silêncio. Calam-se a voz do mar e do vento/ Procuo o teu rosto em mim impresso/ e acho o antigo nada: o reverso. [...] o desespero anima o teu corpo/ e sofro tal se foras morto/ - Por que de mim mudas a face/ pelo rosto de Fedra? - Vai-te/ e o meu clamor ao infinito/ que vingar-me-ão Fedra e Hipólito (Tenório, 1985, p. 135).

Frutos de intensas pesquisas historiográficas e antropológicas, com certeza, Terêza segue o rumo da poeta Lucila Nogueira, colega de geração literária, com quem manteve profícuo contato toda a vida. Lucila, assumindo identidades múltiplas, fazendo sua a voz de narrativas ancestrais de civilizações da Antiguidade (greco-judaico-romana) e até de dias atuais (vikings), constitui com Terêza uma dupla inimitável, com afinidades para além do literário. Vozes mitológicas que em ambas revelam a grandiosidade e mesquinharia humanas, envoltas em tons misteriosos que a História registra e não registra (como as lendas e narrativas antigas que até hoje perpetuam no imaginário popular das civilizações). Comentando sobre isso, cito aqui somente um de seus livros que me impressionam e parece promover um diálogo profícuo com Terêza.

*Ilaiana - Enigmas de Elche*, publicado em 1997, é um livro composto por quarenta poemas, que relaciona aspectos temáticos, formais e epigráficos à origem histórica do título da obra. Assim, *Ilaiana* (1997), que completa junto com *Imilce* (2000), *Ainadamar* (1996) e *Amaya* (2001) a denominada tetralogia ibérica, em que a autora recorre a mitos e temas culturais luso-hispânicos, trata do mito da “Dama de Elche”, deusa-sacerdotisa do período pré-espanhol (celta).

Com influências de mitos semelhantes, “em pedra talhada ou policromada, ricamente vestida e adornada, ostentando uma toucada (suas tranças?), elaboradíssima, ela tem o olhar fixo na eternidade. Preservada desde sua milenária existência, anônima ela e anônimo o seu criador. Pergunta a voz poética: fui a deusa e o touro subterrâneo/ Inanna/ As-tarte/ Isis ou Cibele/ Uni Tanit fui Juno ou fui Demeter/ que nome me chamavam os iberos? (Nogueira, 1997). Dessa forma, a voz da Dama de Elche perpassa toda obra, assumindo identidades múltiplas, traduzindo em versos suas incursões mitológicas:

E eu contemplei atônita ►

o semblante/ da moça igual  
à dama na estação/ desceu  
em frente às águas de Ali-  
cante/ império de tartéssi-  
cas visões/ Mulher sacrifi-  
cada na pirâmide/virgem  
sacerdotisa que foi mãe/  
nômade – proletária – nave-  
gante/ que céu te despencou  
na corda vã? Grego ou car-  
taginês esse semblante/no  
trem com seus dois filhos  
pela mão/grega cartaginesa  
ou babilônica são de Creta  
ou da Síria essas feições?  
(Poema IV)/[...] Foi aqui que  
eu plantei um CANDELA-  
BRO/ de Chipre e o consa-  
grei à luz da lua/ meu pente  
de marfim veio de Samos/  
e os fôceos esculpiram mi-  
nhas tranças (Poema VIII)  
(Nogueira, 1997, p. 18.22)

A presença mitológica na obra de Lucila, então, não poderia prescindir o deus greco-romano do vinho e uma das festas em que é invocado, o carnaval: “ele era como a voz rouca de Dioniso, fazendo soar as teclas do piano austríaco/ abandonado na pas-sarela vermelha/ de um carnaval de plumas na rua do Bom Jesus” (Nogueira, 2011, p. 10).

Ambas falam do amor de forma madura, sedutora e extasiante. Desolações, pactos e angústias de quem ama em versos terezianos e lucilianos se manifestam de maneira forte e intensa, mas com palavras que se casam como amantes enamorados, como nesses versos:

Acordo Amor desolada/  
meu coração e seu pacto/  
com os gatos da sesma-  
ria/ esquivo como são os  
gatos [...]. do que foi Amor  
que resta/ além do vagar a  
esmo?/ os gatos devoram a  
angústia/ árvores de seus  
segredos (Tenpório, 1985,  
p. 30)

A angústia atravessa as  
persianas/ e desliza através  
das dunas/ sussurra o vento  
dissolvendo-a nas vielas do  
cais/ além dos/ botequins/  
mergulha seu sortilégio/  
Ácida/ rascante/ luminosa/  
de uma luminosidade baça



*Colega de geração literária, Terêza seguiu os rumos da poeta Lucila Nogueira (foto), com quem manteve profícuo contato toda a vida*

e pungente/ tão frágil lume  
de candeia/ ou grafite so-  
bre a tumba daqueles que  
morderam/ a neblina [...] a  
angústia desliza a meio pal-  
mo do solo/ Um áspero seg-  
mento ascende às estrelas/  
parte de seu périplo na gar-  
ganta das mulheres como  
gema/ preciosa/ seu rastro  
final enroscado nos bíceps  
dos homens de boa/ vanta-  
de de dentes alvos de farpas  
de/ Lua (Idem, p. 67.68).

Dialogando com Terêza, Lucila também desenvolve um erotismo elegante, mesmo que, por vezes, em seus versos, o erotismo se revele pleno:

Sou a rudeza que te  
imobiliza/e essa doçura  
armada de improviso/ [...] No meu corpo invisível tu  
derramas/ geleiras, buleva-  
res e castelos/ e a multidão  
latino-americana/ explode  
a sua fome no meu sexo/  
Prepara um orgasmo eterno  
em que se altere/ a rotação  
das gerações em leste (NO-  
GUEIRA, 2011, p. 11)

O corpo – dizem – já  
não será o mesmo,/ deses-  
peradamente eu te desejo/  
Enquanto a chuva batia no  
bico duro daqueles seios/  
[...]; e as gárgulas de Notre  
Dame/ contornaram os ma-  
milos/ como breves e clan-  
destinos fogos-fátuos (NO-  
GUEIRA, 2011, p. 10-11).

Como vimos, palavras, po-  
sições e práticas sexuais pouco  
convencionais não causam fal-  
sos pudores em Lucila Nogueira,  
como nesses versos: “quando  
tua boca recobrir o seio/ sere-  
mos então as duas outras faces/  
de uma mesma única posses-  
são” (Nogueira, 2006, p. 34); [...] **deitada estou de braços/** à flor  
dos aquedutos (Op. cit., p. 13 –

► **grifos nossos**); “**você me quer de costas/ por dentro do edredon**” (Nogueira, 2003, p. 19– **grifos nossos**). Por outro lado, a autora de *A Dama de Alicante* (1990) esconde-se numa máscara de timidez: “**todos eram demais e não sabiam/ mas quando tu me pegaste forte eu me surpreendi/ tímida/ e até hoje estou fugindo entre palmeiras/ pelas estradas líquidas do vinho e do neon**” (Nogueira, 2011, p. 10). Dessa forma, seres lendários, então, povoam eroticamente seus versos: **mas eu vi se namorando/ os centauros e as sereias/ fazendo um amor na praia/ bem ao gosto dos mortais** (Op. cit., p. 11).

Dessa forma, focando no tema do desejo, Lucila nos leva a concluir que o amor se constrói com cumplicidade e amadurecimento:

Descobre quanto dura o seu fascínio/ o ímpeto sagrado de tua pele/ pois o amor, se é senhor, não sai vencido/ o sangue é breve, a morte muito longa/ e o futuro uma carta do destino (que amar é arte/ de se fazer presente/ e tudo aquilo que precisamos/ é de poesia/ loucura e êxtase/ no ato heroico de reabrir as portas/ da carne mansa que se esquivou (NOGUEIRA, 2006, p.11.28).

Outrossim, nos versos de Terêza Tenório, encantamento pelo amado e entrega do corpo, como nesses versos: “**Não morrerei de amor enquanto exista/ todo o mar que se estende até a lua/ e me devolve a mim não mais sombria [...]** Assim não morrerei de amor embora/ eu tenha para sempre a alma vazia” (Op. cit., p. 23). Ou ainda nesses:

Suas mãos me desenham labirintos/ onde perpassa líquido e cigano/ há muito retomado (deus ou sangue?)/ Espero sua saliva em minha boca eu preciso de ti, amor/ o dia/ acende a tatuagem em minha pele/ como uma doida voragem/ sobre a fria/ estrada desolada (TENÓRIO, 1985, p. 26).

Mas Terêza Tenório também se interessou pelo ocultismo e esoterismo, desenvolvendo versos em que

encarna a figura da druidesa/sacerdotisa, bruxa ou wika, em comunhão com a natureza e ressignificando os elementos:

O silêncio cresceu a minha roda/ sobre teu rosto de árvore. O silêncio/ é luminoso e infinitamente/ unir-me-á a ti. Ouves a voz/ dos sicômoros vivos em sua esfera/ de refletir o olhar do antigo amor/ ó ser que transformaste o tempo e agora/ é em árvore sagrada? O calor/ do sol me faz buscar em ti a sombra/ que projetas como antes protegias/ em mim a pele branca na penumbra/ o olhar, a voz, o aceso sonho, um dia (TENÓRIO, 1985, p. 112).

Esta natureza, representada nos versos acima por Tenório, também está presente em Lucila Nogueira, por elementos mágicos, mas também numa clara referência ao esoterismo: “**Era sagrada a praia, era sagrada/ o mar com seus pesqueiros coloridos/ era sagrada a lua sobre as águas/ onde lavei meu sexo infinito**”(NOGUEIRA, 1991, p. 18). Ou nesses versos:

Trago a flor da mandrágora no ventre/ e os vapores de ópio me circundam/ no olha ruma saudade irisdescendente/ e uma melancolia de outros mundos. [...] o transe a possessão o mor perdido/ entre o fundo do abismo e a luz dos astros/ estava escrito em todos os livros/ o triunfo imortal dos insensatos (NOGUEIRA, 1990, p. 38).

Outros traços que não cabem aqui registrar, como a persistência por Terêza na perfeição das palavras, através da refazimento de poemas, por diversas vezes, coisa que eu presenciei enquanto revisor de seu livro **A Casa que Dorme** (2002), bem como presente no trabalho de tradução tão bem desenvolvido por Wellington de Melo e Lucila Nogueira, no livro **A Musa Roubada** (2007), baseado em análise da Crítica Genética. Ou mesmo a incursão pelo concretismo, busca que percebemos em inúmeros poemas, especialmente em seu livro **Corpo da Terra** (1994).

Ao final desse ensaio, fica a certeza de prestar uma justa homenagem à “Musa roubada” da Geração 65 (Terêza Tenório), cuja morte recente nos privou de seu convívio, mas não de se de apreciar sua obra, baluarte da cultura literária de Pernambuco. ✦

**Ambas falam do amor de forma madura, sedutora e extasiante. Desolações, pactos e angústias de quem ama se manifestam de maneira forte e intensa**

**André Caldas Cervinskis** é escritor e ensaísta. Autor, entre outros livros, de *Oficinas de corpo*, *Manuel Bandeira, poeta até o fim* e *Ensaio de Circunstâncias. Mora em Olinda* (PE).



# Mulheres das terras bravas

O western – ou, no nosso linguajar, o faroeste - tem a fama de ser um gênero cinematográfico para homens. Os duelos, os tiroteios, as perseguições a cavalo, os roubos a bancos, os enforcamentos, as brigas em *saloons*, as cidades precárias, os ranchos, os carroções, os índios, a conquista das terras virgens, os bandidos, os mocinhos e os seus respectivos seguidores, as armas sacadas ou a sacar... tudo compondo um quadro meio selvagem de força bruta, poeira, escassez, agrura, maldade

e violência.

Nesse contexto, as mulheres seriam seres secundários, coadjuvantes frágeis, acidentais e descartáveis que só atrapalhariam o que interessa: a ação e seu andamento. Será?

Nos tempos atuais, não sei, porém, na era clássica do cinema, no auge do surgimento e desenvolvimento do gênero - anos trinta, quarenta e cinquenta - quer parecer-me que a coisa não era bem esta.

Nesse sentido, seria interessante revermos e/ou lembrarmos as personagens femininas dos filmes mais influentes do gênero e sua importância actancial, psicológica, temática e/ou estrutural.

Assim, convido o leitor a recordar heroínas como: a prostituta de *No Tempo das Diligências*; a professora de *Paixão dos Fortes*, a também professora de *O Matador* (1950); a esposa índia de *Lança Partida*; a cantora de cabaré de *O Rio das Almas Perdidas*; a corajosa Louise de *Paixão de Bravo*; a jovem ambiciosa de *Almas em Fúria*; a mestiça de *Duelo ao Sol*; a jovem cega e curada de *A Árvore dos Enforcados*; a rancheira de *Os Brutos Também Amam*; a mexicana Anita de *Os Homens das Terras Bravas*; a mulher destemida de *Sua Única Saída*; a mandona de *Rancho Notorious*; a filha adotiva de *O Passado não Perdoa*; a jovem intrépida de *Sol Amarelo*, a mulher indômita de *A Noite das Emboscadas*; a criadora de gado de *Até a Última Bala*; a fazendeira poderosa de *Dragões da Violência*; as mulheres rivais de *Da Terra Nascem os Homens*; a dona de cassino de *Johnny Guitar*; a Calamity Jane de *Ardida Como Pimenta*; a jogadora de *Sem Lei e Sem Alma*; o bando feminino inteiro de *Caravana de Mulheres*, ou de *O Renegado do Fort Pettycoat*, isto para não falar num caso extremo, a adolescente vingativa de *Bravura indômita...*

Dizer que as personagens femininas ▶

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Grace Kelly como Amy em *Matar ou Morrer*: forte nas decisões tomadas por uma mulher num mundo de homens

▶ são irrisórias nesses filmes – e em tantos outros que não cito – é ser limitado de visão, ou ser preconceituoso.

Mas penso que argumentaria melhor com estudos de casos. Vejamos, portanto, três exemplos da relevância de papéis femininos em três clássicos do gênero western.

Começo com *Matar ou Morrer* (*High Noon*, Fred Zinnemann, 1952) que, pelo título brasileiro já sugere tiroteio e nada mais. E não é bem assim. De fato, o filme começa mostrando três pistoleiros que se encontram em lugar ermo e, bem armados, se dirigem à cidade. Mas desde o primeiro fotograma já se escuta uma música que, na melodia e na letra, não condiz com o que se vê: é uma canção de amor em que uma voz masculina implora à amada que não o abandone...

Logo vamos saber por quê. Na cidade, um casamento vem de ser realizado; o Xerife Kane (Gary Cooper) desposa a jovem Amy (Grace Kelly) e estão sendo parabenizados pela comunidade, quando chega a notícia: os três pistoleiros estão na estação de trem à espera de um quarto elemento, um malfeitor que Kane, anos atrás, encaminhara à prisão. Todo o restante do filme vai ser o aguardo do conflito e a certeza da morte de um xerife a quem a cidade em peso nega apoio. Não conto a estória toda, mas, chamo a atenção para o papel decisivo dessa Amy, forte nas decisões tomadas por uma mulher num mundo de homens. Sua força, coragem e determinação têm etapas: a primeira é, resguardando seus princípios pacifistas, pois é quaker, dizer não ao marido; a segunda é, sendo novata na cidade, procurar a ex-amante do marido, no intuito de dissuadi-lo; a terceira é voltar atrás no instante decisivo da partida do trem, e quarta, ter a coragem de, pacifista como era, pegar em arma e matar, pelas costas, um ser humano – um ser humano que, se não morresse, mataria seu esposo amado.

Em *Duelo de Titãs* (*Last Train*

*from Gun Hill*, John Sturges, 1959) também a cidade inteira está contra um Xerife. Mas não é o Xerife local. Matt Morgan (Kirk Douglas) veio da cidade vizinha para levar para a cadeia o assassino de sua esposa. Estupro e morte. O culpado, um rapaz cheio de si, é filho do mandão do lugar, Craig Belden (Anthony Quinn). Matt e Craig haviam sido amigos no passado (e ainda seriam), por isso, o conflito entre lei e afeto é mais grave.

A sequência que destaco se passa num quarto de hotel onde Matt já mantém o filho do amigo acorrentado à cama, aguardando o horário do último trem que sai de Gun Hill – como se diz no título original do filme. Lá fora, a mandado de Craig, uma multidão armada está disposta a impedir a façanha de Matt.

Ele consegue? Não conseguiria sem a ajuda de uma mulher, uma desconhecida, e, mais surpreendente, amante do mandão do lugar. Por que a amante do mandão do lugar iria ajudar um estranho a cumprir a lei? O filme oferece algumas pistas. Com certeza a mais óbvia é a revolta interior dessa mulher contra o machismo generalizado e cego, que não vê nada demais em mulheres serem estupradas e mortas, principalmente se são desconhecidas, e, mais ainda, como é o caso, se são mestiças. Uma das cenas mais emocionantes e belas no filme, é aquele momento em que Linda (Carolyn Jones) – indignada com a baixeza do crime – rouba um rifle do bar, esconde nas dobras da saia e sobe as escadas do hotel para entregar a arma a Matt, que a recebe admirado e, ao perguntar por quê, ouve uma resposta mais ou menos assim: “a raça humana é podre e eu sou doutora em saber disso”.

Em *O Homem Que Matou o Facínora* (*The Man Who Shot Liberty Valence*, John Ford, 1962) todo o conflito é entre o Oeste selvagem e o Leste civilizado. Vítima de um assalto à diligência, chega a esta cidadezinha do interior o estropiado advogado Ransom

Stoddard (James Stewart). Sua intenção de educar não serve de nada diante da força bruta de um bando de malfeitores que assola o lugar, liderado pelo despótico e cruel Liberty Valence. Em duelo de rua, Valence é surpreendentemente derrotado, mas o autor do disparo fatal não foi, como ele mesmo supõe, Ransom, e sim John Doniphon (John Wayne), um cowboy de tiro certeiro, que atirou às escondidas. O mistério envolve uma moça, Hallie (Vera Miles), em quem os dois homens têm interesse.

Torturada pela indecisão entre os dois, Hallie opta pelo advogado do Leste, e com pesar sentido, abre mão do cowboy – seu namorado oficial – que um dia, como prova de seu amor, lhe dera uma flor de cacto. Como se percebe, por trás das ações dos homens, a decisão de uma mulher, determina o desenlace de uma história repleta de violência. No final do filme, todos já idosos, ela e o esposo (hoje um famoso senador da república e candidato a vice-presidência) vindos do Leste civilizado para o humilde velório de Doniphon, é uma flor de cacto que ela deposita sobre seu corpo – gesto singelo que resume todo um mundo de afeto, coragem, determinação, grandeza de espírito e amor.

Nos casos destas três obras primas do gênero – assim como nos filmes mencionados na abertura desta matéria – as presenças femininas, não apenas transformam os filmes em histórias de amor, como dão ao conjunto a direção, a profundidade e a amplitude semântica que têm.

Não sei dizer se a literatura feminista já tratou do assunto, mas, se não, já seria tempo de fazê-lo.

Em tempo: o título desta matéria parodia o de um dos filmes mencionados acima: *Os Homens das Terras Bravas*. ✖

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

# Ed Porto e a poesia

NOS TEMPOS DO CORONA

**Linaldo Guedes**

Especial para o *Correio das Artes*

**D**izem que o artista se “realiza” na dor. Falo de realizar-se enquanto artista na produção de alguma obra de arte. Não comungo desse pensamento. Para mim, o bom escritor, o bom poeta, o bom artista se realiza em qualquer momento. Até porque a poesia, no caso específico do que vamos falar aqui, se realiza enquanto construção de linguagem. Sim acredito na inspiração, mas ela só se realiza enquanto poesia quando é bem trabalhada do ponto de vista de linguagem.

Ed Porto já não é mais um jovem poeta paraibano. Quando surgiu, encantou a todos os amantes da poesia com uma poética concisa, na maioria das vezes, e atualíssima, com as vanguardas e com o que elas rejeitam. Agora chega com um novo livro – “Etéreo”, que apesar do título que possa parecer arrogante, é justamente do contrário que fala a poesia de Ed Porto, nesta obra que será lançada pela Editora Patuá ainda este ano. É uma poesia que tem “pegada”, “punch”, que nos soqueia, às vezes, mas também nos acarinha em muitos versos, como cabe a um bom poeta.

E uma poesia que, acrescentaria, se transfor-

ma, também, numa espécie de cronicário do mundo em que vivemos hoje, com uma pandemia que assusta todo o planeta, nos mantendo prisioneiros em nossas casas, em nossos medos. Diversos poemas dessa coletânea refletem, provocam e tentam poetizar o momento delicado que vivemos. É o caso de “Alcohol Gel” ou de “O Vírus”, falando do que une e separa ovos, ou povos. Ou do “Pout-pourri”, onde não se perde a oportunidade poética de falar da filosofia barata de Olavo Carvalho em contraponto ao mestre Paulo Freire.

O poema “O bicho” lembra-nos que cada dia mais o domingo é dia de silêncios. Na verdade, é um poema sobre o coronavírus (Covid-19), num ritmo que daria para construir uma música. Aliás, musicalidade é o que não falta na poesia de Ed Porto. Vários poemas do livro têm essa simbiose – não sei se intencional ou não – entre verso e ritmo. Mas não o ritmo normal, cadenciado, que se deve apresentar num bom poema. Falo do ritmo musical mesmo. Assim, você lê o poema já como se estivesse cantando uma música. Bom, mas isso é outro assunto. Voltemos ao livro.

Ainda na seara momento atual, há poemas como “Greta”, “Diagnosis”, “Morre Moraes Moreira” e

o belíssimo “Coronavírus”: “Por que se quer ir à lua/ sem antes cuidar do seu quintal?”

Pois é, isso tudo vai passar. Até lá, precisamos curtir a poesia de Ed Porto, um vírus saudável, é bom que se diga. Neste livro, há vários casos de lirismo ao cubo, em poemas que encantam pela sua delicadeza, em contraponto aos que falam do momento atual. “Pluviométrico”, por exemplo, apresenta um erotismo sutil, a falar em “chutar poças, possuir as moças molhadas”. Em “Homilia” ironiza os ritos religiosos; em “Fluindo” fala sobre a rotina e do homem que sorri latindo para o cão; em “Feminista” é todo lúdico no convite para dançar; em “Bodas” todo lírico em devoção à amada; assim como em “Bananeiras” mergulha nostálgico no passado e em “Bálsamo” conclui que resta apenas a dor dos dias. E por que não falar do poema “As deusas da noite”, que mais parece um bolero de Ravel?:

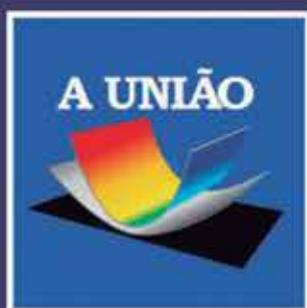
As deusas da noite, dançando ou não,  
desintegram este meu pobre coração  
Elas me dizem que os dias podem ser outros  
ogros podem virar príncipes  
pobres podem enriquecer  
padres podem acasalar  
As deusas da noite deixam dúvidas  
sobre o sacramento  
sobre o “ser fiel até a morte”  
sobre os seres e estares sempre a fim  
As deusas da noite testemunham  
que o céu existe e que ele está radiante  
aos nossos olhos, a nos estarrecer

Ou pessimismo hollywoodiano de “Vidente:

Baixou em mim um cartomante  
Um bardo ou amante seria melhor  
Mas o vidente previu o fim  
do meu inferno-astral para amanhã  
E assim preparei o champanhe  
com frutos-do-mar  
e com Maria Joana pra celebrar  
Como uma turnê da vida que acaba  
e a cada ciclo se renova  
Como uma bossa-nova  
Como Sir. McCartney  
Lei it be  
Se o profeta estiver certo  
decerto decretarei feriado internacional  
que nem o primeiro dia anual que é da paz  
E nunca mais deixarei ela sair assim  
pois serei sim mais perspicaz

A poesia de Ed Porto é uma prova viva de que é possível, ainda, olhar os lírios da linguagem. ✦

**Linaldo Guedes** é poeta paraibano. Publicou “Os zumbis também escutam blues” (1998), “Intervalo Lírico” (2005), “Metáforas para um duelo no sertão” (2012) e “Tara e outros otimismo” (2016). Reside em Cajazeiras, Paraíba.



127  
Anos

## Fazendo história desde 1893

*O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do mundo.*

*São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 127 anos de história.*

## Fale com A UNIÃO

**Reserve seu anúncio (83) 3218.6544**  
*comercialauniaopb@yahoo.com.br*  
*publicajornalauniao@gmail.com*

**Peça seu orçamento (83) 3218.6525**  
*orcamento.auniao@gmail.com*

**Sugestão de pauta? (83) 3218.6539**  
*uniaogovpb@gmail.com*

**Diário Oficial (83) 3218.6533**  
*wdesdiario@epc.pb.gov.br*

**Faça sua assinatura (83) 3218.6518**  
*circulacaoauniaopb@gmail.com*

**Publicidade Legal (83) 3218.6526**  
*comercialauniaopb@yahoo.com.br*



EMPRESA PARAIBANA  
DE COMUNICAÇÃO



# Faça parte do Sesc!



## Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

## Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

## Conveniada

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

## Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: [www.sescpb.com.br](http://www.sescpb.com.br) | (83) 3208.3162